O MISTÉRIO

O movimento religioso que, a partir da Palestina, deflagrou por todo o império romano, no segundo terço do século primeiro, não tem o seu início no Natal.

A primeira geração cristã — que é a geração dos DOZE e daqueles que se juntaram aos DOZE logo no princípio — vivia dominada por um acontecimento decisivo da história de Jesus: a sua morte e a sua ressurreição, de que eles tinham sido «testemunhas». O verdadeiro início do Cristianismo está na manhã de Páscoa.

O evangelho de Marcos, que é tido como o mais antigo de todos os evangelhos, ignora tudo o que se passou nos trinta anos de silêncio que precederam os poucos meses que durou a pregação de Jesus e o seu epílogo.

Aconteceu com Jesus aquilo que acontece com os homens célebres. O biógrafo só se interessa pelo nascimento e pela infância do biografado depois que o biografado chamou sobre ele a atenção. Na vida VIVIDA de qualquer homem o nascimento é o prelúdio de tudo o mais. Mas na história ESCRITA dessa vida — e no conhecimento que os demais têm dela — o nascimento vem depois. Não só o nascimento, mas os anos humildes que não dão na vista.

Aconteceu assim com Jesus.

Nada mais natural que a comunidade dos crentes a qual, perante o facto da morte e da ressurreição tinha acreditado em Jesus e aderido a ele, quisesse saber mais.

Felizmente que essa curiosidade surgiu em altura em que algumas «testemunhas» dos inícios estavam ainda vivas. Quem melhor do que Maria podia referir os anos do silêncio e sobretudo a história do Menino que, anunciado à Virgem, iria nascer em Belém?

À luz da palavra de Jesus no período da sua vida pública e sobretudo à luz da sua morte e ressurreição toda a história escondida se ilumina.

Natal é a história de Deus que, por amor dos homens, se faz homem. Essa história passa-se na Terra (e não em qualquer outro planeta!), não em idades mitológicas, mas há pouco mais de sessenta gerações.

Oh mistério do amor e da humildade de Deus!
Oh mistério da dignidade do homem!

Haverá outra força mais capaz de transformar o homem — mas de o transformar a sério, a partir de dentro — que o exemplo e a graça do Menino-Deus do presépio?

† MANUEL, BISPO DE AVEIRO

Desenho de GASPAR

BOAS-FESTAS ★ NATAL-73 ★ NOVO ANO-74 ★ BOAS-FES

Tribunal Judicial da Comarca de Aveiro

1.º Juízo — 1.ª Secção

ANÚNCIO

2.ª Publicação

Faz-se saber que, pela 1.ª secção de processos deste Juízo, correm éditos de 30 dias, contados da data da segunda publicação deste anúncio, citando o executado MANUEL MARQUES DA SILVA, casado, proprietário, ausente em parte incerta e com última morada conhecida na Rua do Cabo Luís, da freguesia de Esgueira, deste concelho e comarca de Aveiro, para no prazo de 5 dias, posterior àquele dos éditos, nos autos de execução de sentença que lhe move e a sua mulher MARIA DUARTE DOS SANTOS, doméstica, residente na dita Rua do Cabo Luís, o exequente ANTÓNIO MARQUES DA SILVA, casado, residente nesta cidade de Aveiro, deduzir oposição, pagar a quantia de 58 775$00 ao exequente, proveniente de tornas que lhe são devidas nos autos de inventário facultativo a que se procedeu por óbito de António Maria da Silva, residente que foi nos Areais, em Esgueira, ou nomear bens à penhora, sob pena de se considerar devolvido ao mesmo exequente o direito de nomeação de bens à penhora.

Aveiro, 3 de Dezembro de 1973.

O JUIZ DE DIREITO,
a) Manuel José Marques Rodrigues

O ESCRIVÃO DE DIREITO,
a) José Aníbal Gomes

LITORAL — Aveiro, 22/12/73 — N.º 993

Litoral
SEMANÁRIO

AVEIRO, 22/DEZEMBRO/1973 — ANO XX — N.º 993 — PÁG. 3

Director e proprietário — David Cristo — Administrador — Camilo Augusto Cristo — Redacção e Administração: Rua do Dr. Nascimento Leitão, 36 — Aveiro (Tel. 22261) Composto e impresso na «Tipave» — Tipografia de Aveiro, Limitada — Estrada de Tabueira — Aveiro (Telefone 27157)

Razões de sobrevivência e perigos de extinção do

VOLUNTARIADO PORTUGUÊS

Os 65 anos de prestante vivência da Companhia Voluntária de Salvação Pública «Guilherme Gomes Fernandes» (Bombeiros Novos, de Aveiro) foram comemorados na precisa data do aniversário — 30 do mês transacto — e nos dias 8 e 9 do corrente mês, tudo conforme programa que oportunamente aqui demos à estampa. Números particularmente relevantes foram a imposição de insígnias a dez novos elementos do Corpo Activo — já aqui lhes referimos os nomes —, de condecorações a bombeiros (e aqui também os nomearemos numa das nossas próximas edições), a pública leitura de merecidos louvores e uma palestra, tão actual quanto pertinente e desassombrada (de que a seguir damos um excerto) do Comandante dos Voluntários de Águeda e nosso apreciado colaborador

NEVES DOS SANTOS

/.../ Nos Bombeiros (e aqui não faço distinção entre Sapadores, Municipais, Voluntários ou Privativos) a dura realidade dos dramas que se vivem na luta contra os efeitos do sinistro, a voluntária aceitação do risco de perder a vida no combate à fúria dos elementos — naturais ou originados, até, pela maldade dos homens —, o trabalho frequente em condições quase desumanas onde o esforço, por tão contínuo e desgastante, paradoxalmente parece não se sentir, nos Bombeiros, dizia, o aludido sentido de realidade está quase sempre presente. E nesta constante reside a grande força do Voluntariado. É que o ideal do Bombeiro não é coisa irreal, antes é um facto palpável, pois resulta de uma força interior que impele o indivíduo a ser útil, a fazer caridade — não dando esmola mais ou menos espectacularmente, não se desfazendo do que lhe é supérfluo com maior ou menor publicidade. O Bombeiro nada dá, DÁ-SE — e isto constitui fenómeno para o qual não é fácil encontrar explicação.

E, dentro desta linha de raciocínio, poder-se-ia classificar quase como sacrilégio a tentativa — ainda que bem intencionada — de procurar estabelecer um preço para os serviços prestados pelos Bombeiros.

Quem tem a felicidade de viver (na mais ampla, mais verdadeira e mais sublime acepção do termo) no meio de Bombeiros Voluntários disporá de frequentes oportunidades de participar nos mais belos gestos de fraternidade, aprender as mais preciosas lições de altruismo, colher os melhores exemplos de destemor perante inimigos implacáveis.

E nesta comunhão de ideias nem sequer é sacrifício deixar a cama nas noites frias de Inverno para acudir ao chamamento da sereia — da mesma forma que a fome, a sede, o cansaço, o sono não roubam as energias necessárias para o combate aos incêndios florestais nos dias de calor sufocante.

Não será, pois, arriscado concluir que o Voluntariado não se extinguirá por deficiências próprias, por erros da sua responsabilidade, e muito menos por desinteresse dos que o servem.

/.../ O reconhecimento público da necessidade da existência de um socorrismo eficiente que tem de continuar a ser prestado em regime de Voluntariado, será um dos contributos para a sobrevivência dos Corpos de Bombeiros Voluntários.

/.../ Na falta de apoio superior que se tem vindo a fazer sentir reside a mais grave ameaça da extinção do Voluntariado.

Como se entende situação tão paradoxal?

É ou não verdadeira a necessidade da existência do Voluntariado?

Tem, ou não, faltado apoio aos Bombeiros Voluntários?

Pessoa por quem tenho incalculável e justificada admiração dizia-me, não há muito tempo, que o motivo por que os Bombeiros não viam satisfeitas muitas das suas legítimas aspirações residia na confiança ilimitada que o Governo neles deposita. E acrescentava o meu ilustre interlocutor: pois se os Bombeiros sugerem, pedem e reclamam

Continua na página 10

O INCÊNDIO NO R.I.10

Agradecimento

O Comandante, oficiais, sargentos e praças do R. I. 10 vêm, por este meio, cumprir o dever de apresentar os seus agradecimentos a todos quantos, e muitos foram, por qualquer forma lhes manifestaram a sua compreensão e espírito de solidariedade, no momento mais angustioso da vida do Regimento, provocado pelo recente incêndio que devorou quase a totalidade das instalações do aquartelamento sede.

O COMANDANTE

a) — João Dias dos Santos
Coronel de Inf.

Procuram renovar-se as

CONFERÊNCIAS VICENTINAS

PADRE GEORGINO ROCHA

SUA ORIGEM

Federico Ozanam fez um dia uma visita que ficou célebre. Como estava muito frio levou uma gavela de lenha e acendeu uma fogueira para se aquecerem enquanto conversavam amigavelmente.

Foi esta a primeira realização do fundador das conferências vicentinas. Ozanam, o historiador literário ilustre, tinha descoberto o sentido do ser homem e quis tratar todas as pessoas como tais, tanto nas suas condições de nobres ou de plebeus, de cultos ou de ignorantes, de ricos ou de pobres. Este querer deu origem às conferências vicentinas.

EVOLUÇÃO HISTÓRICA

Aquele facto manifesta, na sua simplicidade, o autêntico espírito vicentino. O interesse pela pessoa, seja em que circunstâncias for, parte desta certeza inabalável, a de ela ser pessoa. Tudo o que destrua ou rebaixe a sua dignidade é absolutamente contrário ao espírito vicentino (cristão). Desde aquele dia célebre até hoje quantas coisas se fizeram, Santo Deus! A visita, a senha, a dádiva, os serviços mais pequeninos... são amostras desse espírito grandioso.

Quantos homens ilustres e até santos encontraram no ideal vicentino o modo prático e a frescura indispensável à concretização do seu cristianismo.

AS CONFERÊNCIAS VICENTINAS HOJE

A fidelidade àquele ideal primitivo, que é simplesmente evangélico, exige uma renovação séria na orgânica das conferências. O Manual ou Regra de 1970 faz-se porta-voz desta exigência. As tentativas de actualização sucedem-se, um pouco, por toda a parte. O desafio parece ser de vida ou de morte. De vida se procurarem afanosamente a renovação; de morte se continuarem na estagnação. Os amigos do ideal vicentino estão, por isso, diante de uma alternativa que não admite outra hipótese.

Para os ajudarmos propomos alguns pontos à sua reflexão. Resumimo-los em duas partes, a primeira dedicada a mostrar o que, em nossa opinião, não deve ser a conferência vicentina e a segunda ao que ela há-de procurar ser.

1.ª PARTE: O QUE NÃO DEVE SER A CONFERÊNCIA VICENTINA

— Grupo de beatos(as) que não têm mais que fazer e se entretêm desse modo;
— Pronto socorro de esmolas ou de receitas fáceis que mantêm a situação miserável do indigente;
— Substituto de uma organiza-

Continua na página 10

CONCEDIDA A «MEDALHA DA CIDADE» AO

DR. ORLANDO DE OLIVEIRA

Na sessão camarária da pretérita terça-feira, foi concedida a Medalha de Prata da Cidade, pela unanimidade regulamentar, ao Dr. Orlando de Oliveira, ilustre Reitor do Liceu Nacional de Aveiro e um dos nossos mais distintos e assíduos colaboradores.

O galardão, imediato à posse das individualidades que hão-de dar e garantir vida à Universidade de Aveiro, assume particular significado: o Dr. Orlando de Oliveira foi um dos mais válidos arautos do ensino superior em terras aveirenses, com o mérito de apresentar corajosamente os seus pontos de vista — tantas vezes neste jornal — numa altura em que, quase para todos (e até para quase todos os Aveirenses), a Universidade de Aveiro era só... uma risível utopia!

Aliás, o reconhecimento e a proclamação das virtualidades e das exigências locais para sede de dilatados âmbitos nos vários ramos do ensino, tiveram no Dr. Orlando de Oliveira o seu indefectível pioneiro — e ele foi, além do mais, um dos alicerces, e o

Continua na página 10

O próximo número deste semanário sairá apenas em 5 de Janeiro: o encerramento, nos dois primeiros dias da semana que vem, da nossa Redacção e das oficinas onde o jornal se imprime, por via do feriado (Natal) e sua véspera, em que também ali se não trabalha, força-nos a mais um dos raríssimos hiatos na regularidade das nossas edições.

ACONTECEU em AFRICA

PERIPÉCIAS DE UMA COMISSÃO MILITAR

DR. ARAÚJO E SÁ

GOSTOSAMENTE aceitei o amável convite da Direcção da Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Angola. (Nele vi apenas, acrescente-se, o pretexto para um recordar distante da Lusa-Atenas em que o Orfeão, a Queima das Fitas, as actividades desportivas, as assembleias magnas, os versos, as noites de boémia, e sei lá o que mais, tiveram sempre a presença modesta da minha capa esfarrapada). Lembro-me bem que era Noite de S. Martinho! Havia castanhas e vinho tinto, como é da tradição. Caras de outros tempos; gente que nunca mais julgara ver; este que cantava o fado; aquele que molhava a goela no «António Ladrão»; outro com quem comi bacalhau assado na «Bufa Sapateira»; o Zé Dias impávido e sereno; o fala-barato do Vinhas; o humor do Pitarma Sabino; as anedotas palacianas do Mac-Mahon; a arte futebolística do Alberto Gomes; a eterna e invejada juventude do Eduardo Baptista; a irreverência atrevida do Melo; a fleuma britânica do Azevedo; a gastronomia do Zé Caetano; a bonacheirice do Portugal; o provincianismo do Carrapatoso; as gargalhadas do Nadais de Vasconcelos. Afinal — como se de milagre se tratasse — Coimbra estava ali, em Luanda, naquela Noite de S. Martinho. Bem sei que as caras estavam menos frescas, enrugadas, e os cabelos mais brancos. Mas era a mesma gente, os do meu

Continua na página 10

5. TU ÉS O BANANA!

PALAVRAS *do* REITOR

Continuação da última página

cendo os cursos de formação profissional, em colaboração com outros departamentos do Estado e, bem assim, as actividades de educação permanente, através dos cursos de educação básica para adultos, das bibliotecas populares e do ensino nocturno de nível secundário, especialmente dirigido aos trabalhadores.

E, entretanto, começa a ser executado o plano de expansão e diversificação do ensino superior, de acordo com o programa estabelecido pelo Governo.

É enorme e grandiosa esta tarefa de reforma e de inovação. Há atrasos a recuperar. Há tempo que já não pode ser vivido nem percorrido. Perdeu-se; tem de se ganhar. Há escolhos a arredar. Há trabalho no dia-a-dia a cumprir. Há planos a executar. E ainda que o imenso que é urgente fazer se não concretize de um dia para o outro, todas as palavras e intenções devem reflectir-se nas realizações.

Os governos não merecem do povo por promessas, mas pelo que fazem. Exige verdade, autenticidade. Ele sente, sabe e distingue onde estão os que dele se querem servir e os que o servem.

A educação nacional é obra sempre inacabada a exigir sucessivos aperfeiçoamentos, dedicação, entusiasmo e mesmo amor.

Os princípios educacionais, definidos na lei, são traves mestras e indestrutíveis de uma sociedade democrática. Democracia na criação, no respeito, na ordem e na disciplina. É ideal que vale a pena viver com paixão por amor à Pária e a todos os seus valores por amor a todos os portugueses espalhados pelo Mundo, pelo desejo forte de uma efectiva participação na vida internacional.

Na serena construção do futuro e na defesa de valores sagrados e permanentes vai erguer-se a Univesidade de Aveiro. Voltada para servir as gentes da região, já nasce como depositária de nobre ideais.

Rejubilam connosco todos os grandes homem, vivos ou mortos, que por estas terras nasceram ou viveram, exemplos de compreensão e de tolerância e que em quadros de vivência humana construiram o «aveirismo».

Uuma universidade que se localiza nesta cidade por análise de factores objectivos, intimamente relacionados com o progresso palpitante desta região, com a força do seu desenvolvimento social e económico e que vem culminar a maravilhosa explosão escolar deste centro urbano e das suas zonas de influência.

Os estudos realizados demonstraram de forma clara e inequívoca a justeza da criação de uma universidade nesta região, em virtude do potencial da sua população, do seu enquadrameno social, económico e tecnológico no contexto nacional, de uma excelente rede de comunicações, de perspectivas aliciantes de vida cultural, de um acolhedor ambiente residencial e, ao mesmo tempo, da existência de razoáveis indicadores de vida profissional.

Estamos, pois, perante um acto de confiança e de justiça do Governo para com esta zona do País ao criar, na sua capital, a Universidade, com a certeza de que ela cumprirá a sua tríplice função de ministrar o ensino do nível mais elevado, de promover o desenvolvimento da investigação científica e de, através da sua missão de serviço, participar vigorosamente na resolução dos problemas regionais e nacionais.

Aos seus obreiros, a todas as entidades públicas e privadas que cooperam nesta obra singular eu lhes peço que façam da Universidade de Aveiro um organismo de trabalho activo, um modelo de actualização permanente do saber e de harmoniosa participação de todos os elementos estruturais nos seus órgãos de Governo, uma instituição de serviço público com direitos de contínuado progresso e de plena capacidade de organização e de gestão administrativa, financeira, pedagógica e científica, mas com deveres de prestacção de serviços ao País que nunca poderão ser alienados sem trair a sua missão.

Universidade, farol de ciência e de cultura, respirando independência de pensamento ao serviço da Pátria, do bem comum e da comunidade internacional.

Mas para que assim seja torna-se necessário que os professores, na sua maioria, se dediquem exclusiva ou integralmente ao ensino e à investigação, vivam para a Universidade, não esqueçam por um momento só os problemas que a afectam, pois ela é o objectivo essencial da sua existência; e é preciso incutir nos professores e nos estudantes que a paralisia dos serviços de uma Universidade é a negação dos anseios da comunidade e que, ao se ousar nela promover ensaios de política sectária, de subversão social, de desafio ou insulto à autoridade ou de violência a impedir o cumprimento de deveres tais atitudes acarretam o desprestígio e a desvalorização dos cursos e da instituição que frequentam com benefício exclusivo dos que ou desejam estabelecer a anarquia, ou derrubar governos por via de revolução sangrenta, ou travar o progresso do País, paralisando a formação dos cientistas e técnicos necessários ao seu desenvolvimento cultural e social.

Ora, conhecendo nós erros estruturais do passado, traduzidos na orgânica universitária vigente, na dimensão académica das faculdades e escolas, nos regimes de serviço do pessoal docente, e de estudos do pessoal discente, importa aqui fazer de novo.

E se é inevitável caminhar cuidadosamente na Reforma das Universidades existentes, dada a natural inserção de interesses que o tempo legitimou, não há razão alguma para que nas novas Universidades não criemos estruturas de cariz segundo os nossos pensamentos.

Esta é ousada tarefa de V. E.ªˢ, membros da comissão instaladora a quem cumpre com a maior presteza:

— Apresentar dentro dos próximos seis meses os programas globais os planos sectoriais de desenvolvimento da Universidade para uma população escolar que não deve exceder 7 000 alunos;

— Definir os diversos cursos universitários, estruturando os departamentos de ensino e de investigação e estabelecendo os números-limite de população escolar para cada curso.

Naturalmente que estas definições deverão ter em conta o planeamento sócio-económico, a nível regional e nacional, e as necessidades do mundo do trabalho em pessoal altamente qualificado.

Desde já se aponta a título exemplificativo a criação imediata de cursos de ciências e de tecnologia, com especial incidênida nos ramos interdisciplinares da bioquímica, biofísica, engenharia biológica, telecomunicações, electrónica e planeamento urbano, administração e gestão pública de empresas, línguas e literaturas modernas.

Em termos genéricos, se orientarmos esta Universidade, de acordo com as necessidades do País, para uma situação em que um terço da população total frequente ciências humanas, um meio ciências experimentais e tecnológicas e um sexto ciências biológicas e de saúde, tornar-se-á necessário um investimento global de 750 000 contos, a preços de 1973.

— Estabelecer a localização do «campus universitarius» e elaborar em colaboração com Gabinetes técnicos, nacionais ou estrangeiros, programas, projectos e construção de instalações, definindo as zonas propedêuticas, de investigação e as zonas complementares e de serviços comuns;

— Estudar a natureza do equipamento didáctico e o apetrechamento científico essencial a projectos de investigação, voltados para o desenvolvimento regional e, bem assim, novas metodologias de ensino e organização dos serviços de informação cultural, científica e técnica;

— Definir com precisão e rapidez os esquemas de formação de pessoal docente, investigador, técnico e administrativo;

— Organizar, em colaboração com a comunidade, programas de aperfeiçoamento e valorização cultural e profissional;

— Elaborar os regulamentos provisórios de acordo com o diploma orientador do Ensino Superior;

— Definir as medidas de emergência para início das actividades que se imponha levar a cabo de acordo com necessidades imediatas;

Vamos assim lançando as estruturas necessárias para acolher no ensino superior universitário e não universitário cerca de 140 000 alunos no ano de 1980. Aproximar-nos-emos da taxa de escolaridade de 9 por cento no grupo etário de 18-24 anos, o que representa um esforço sem paralelo na história da educação em Portugal e nos permitirá atingir uma posição modesta mas digna em potencialidades de desenvolvimento e de pessoal qualificado, de forma a podermos iniciar um processo mais eficaz de libertação de algumas formas de dependência científica e tecnológica.

Um programa desta grandeza de inovação e de reforma do ensino superior de curta e longa duração só se tornou possível mercê do apoio decidido, da orientação firme e da adesão entusiástica do professor Marcello Caetano, plenamente consciente da transcendência da decisão histórica de que é o maior responsável.

É um programa que envolve investimentos em despesas correntes e de capital de mais de 7 milhões de contos.

Quantas canseiras e trabalhos não são necessários para o gizar, executar e coordenar.

Sem dúvida, a reforma do Ensino só se realiza com a colaboração e a ajuda de todos na compreensão, na fé e na esperança.

As nossas portas estão abertas, como se impõe para bem do País, à inteligência e ao talento.

PALAVRAS *do* MINISTRO

Continuação da última página

Construir uma Universidade. E não apenas uma Nova Universidade mas, na medida possível, uma Universidade Nova. E aqui se detém grande parte da responsabilidade. O Governo deu já alguns passos importantes nesse sentido. Refiro-me, em particular, à autonomia administrativa e financeira concedida às Novas Universidades no seu período de instalação. Estou certo de que saberemos utilizá-las com declarado e amplo benefício para a nova instituição. Paralelamente, encontraremos apreciável margem para inovação, nomeadamente no que respeita aos regimes de estudo, de investigação e de serviço à comunidade, no capítulo da estrutura universitária e no domínio dos órgãos do Governo e da gestão participada. Não desperdiçaremos estas possibilidades. Decerto não vamos ignorar que nestes, como em tantos outros assuntos, não há soluções-únicas e muito menos soluções exactas e que aquela que seja adoptada como a melhor em cero circunstancialismo não é necessariamente apropriada noutra conjuntura. Aqui se apela então para uma análise crítica, global e realista. E no momento das opções presidirão lado a lado a humildade e a vontade de acertar.

Procuraremos ter sempre bem presentes os objectivos primários duma Universidade dos tempos de hoje, atentos à implantação dialética entre os de ordem mais acentuadamente personalista e os de carácter mais marcadamente social, uns e outros não definidos «in abstracto» mas parcialmente relativizados em face da comunidade concreta em que a Universidade se insere e cuja capacidade em se renovar no progresso integral aquela há-de ajudar a fortalecer.

Desejaremos ter, assim, pela prática do estudo crítico e disciplinado e do aperfeiçoamento integral, uma educação que conduza o indivíduo não apenas a uma adaptação à realidade mas à realização da sua real vocação: a transformar a realidade. Neste sentido, uma educação universitária verdadeiramente humanista que leve à autodeterminação pessoal em vez de conduzir à «domesticação» do indivíduo.

Claramente isto só será possível, se, nas palavras de outrém, « o educador morrer como mestre unilateral para renascer como mestre-aluno dos seus alunos-mestres».

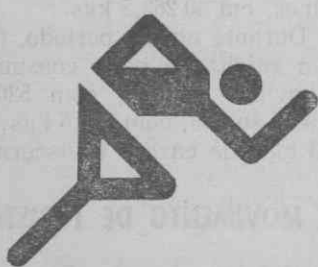
Os professores e estudantes universitários são assim concomitantemente sujeitos a objectos dum processo de educação superior. O caldeamento da imaginação e da experiência da mocidade e da idade menos moça e a convivência de gerações serão então mais facilmente concretizáveis. Um passo importante terá sido dado para que a Universidade, na realização dos seus fins múltiplos, seja um exemplo modelar de relação inter-humana, um modelo de trabalho, objectividade e criatividade, e de tolerância e de humildade, em que se esboce e floresça a primado da liberdade e do pluralismo sobre o da autoridade e do monolitismo.

Em termos semelhantes se pode situar a influência mútua da Universidade e da Sociedade. Neste contexto, deverá recordar-se que as coordenadas socio-culturais da nossa nova Universidade serão especialmente favoráveis a uma íntima correlação entre ambas. E um dos aspectos em que a Universidade de Aveiro pode aprender da comunidade em que se integra é o seu tradicional e conhecido espírito de convivência de opções individuais diferenciadas. Outro é a capacidade de trabalho e de iniciativa e elevado índice de produtividade da região. Por aquela estreita correlação, haverá a Universidade de contribuir eficazmente para o progresso cultural, económico e social da região e da nação.

Ao trocar as certezas e comodidades duma iniciativa sem sobressaltos na docência e na investigação no Laboratório Químico da Universidade de Coimbra — o meu verdadeiro lar cultural — pelas incertezas e riscos dum trabalho novo, é já com saudade que abandono a actividade docente naquele departamento. Não há, porém, lugar para palavras de despedida, salvo em relação aos meus alunos. Com efeito, espero continuar ligado a um dos projectos de investigação que ali se desenrolam pelo menos enquanto não puder realizar idêntica actividade na minha nova Universidade. De qualquer modo, trarei sempre bem perto os meus mestres e os meus colegas, estando certo de que continuarei a encontrar neles o melhor acolhimento, estímulo e ajuda.

Quis o Senhor Ministro referir-se elogiosamente à minha pessoa e aos restantes membros da comissão Instaladora. Em nome de todos agradeço as generosas palavras de S. Ex.ª. Pela minha parte, permita-me que reconheca publicamente que, se alguma justificação ofereço àquelas palavras, elas se devem afinal aos responsáveis pela minha educação, os meus pais e os meus mestres, desde a minha professora da primeira educação aos meus mestres, colegas e alunos universitários.

Cumprimento e agradeço em seguida, a todos os presentes, muito especialmente às altas personalidades eclesiásticas, universitárias, civis e militares por se terem dignado assistir a esta cerimónia de tão particular significado para a nossa Universidade. Um especial muito obrigado ao Magnífico Reitor da sempre minha Universidade de Coimbra e ao Senhor Presidente do Instituto de Alta Cultura.

Finalmente, os meus parabéns à cidade e ao distrito de Aveiro, e muito especialmente ao Senhor Governador Civil que vive hoje, com toda a justiça, uma jornada de verdadeira consagração, corolário duma actividade verdadeiramente notável em favor do progresso do distrito e ao qual se deve, na maior medida, a satisfação da justa pretensão da região em possuir a sua Universidade.

ATLETISMO

V GRANDE PRÉMIO DO NATAL DA CIDADE DE AVEIRO

Sábado, à noite, Aveiro mais parecia Londres — pelo cerrado nevoeiro que caiu sobre a cidade, envolvendo-a em denso véu, a aumentar o grau de dificuldades do **V Grande Prémio do Natal**. Das três corridas que integravam esta competição, de novo organizada pela Associação de Desportos de Aveiro (com patrocínio e apoio, na parte técnica, concernente às partidas, chegadas e cronometragem, da Federação Portuguesa de Atletismo), houve que repetir a primeira, reservada a «populares» — justamente em consequência dos corredores se haverem enganado no percurso, por dificuldades na visibilidade.

Aliás, cabe referir, neste ponto, que, à última hora, se alterou o itinerário previsto para as corridas — anunciado para a Avenida do Dr. Lourenço Peixinho, nas suas duas faixas. Motivos alheios à vontade dos organizadores obrigaram à escolha de novos traçados: as «senhoras» tiveram os seus 1 200 metros compreendidos entre a Avenida («meta» de saída e chegada diante do Banco Português do Atlântico), Ponte-Praça, Rua de Batalhão Caçadores Dez, Praça do Milenário, Rua do Cinco de Outubro e Rua do Eng.° Silvério Pereira da Silva e, de novo, a Avenida; para os «populares», a prova, de 4 000 metros (duas voltas) e para os «federados».

Continua na página 8

CAMPEONATOS NACIONAIS

I DIVISÃO

Resultados da 5.ª jornada

ALGÉS — VASCO DA GAMA . 81-43
GINÁSIO — SPORTING . . 62-63
B.P.M. — SANGALHOS . . 72-88
BENFICA — ACADÉMICO . 132-77
PORTO — BARREIRENSE . 99-38
C.U.F. — ACADÉMICA . . . adiado

Classificação

	J.	V.	D.	Bolas	P.
Benfica	5	5	0	539-347	10
Porto	5	4	1	437-293	9
Sporting	5	4	1	366-317	9
Académica	4	4	0	316-276	8
Algés	5	3	2	366-357	8
SANGALHOS	5	3	2	387-394	8
Ginásio	5	2	3	377-352	7
Académico	5	2	3	373-448	7
B.P.M.	5	1	4	331-390	6
C.U.F.	4	1	3	276-295	5
Barreirense	5	0	5	279-407	5
V. da Gama	5	0	5	260-431	5

Próxima jornada

Hoje — à tarde e à noite

VASCO DA GAMA — B.P.M.
ACADÉMICO — ALGÉS
SPORTING — PORTO
ACADÉMICA — BENFICA
SANGALHOS — GINÁSIO

Amanhã — à tarde

BARREIRENSE — C.U.F.

B.P.M., 72 SANGALHOS, 88

Jogo no Pavilhão do B.P.M., no Porto, sob arbitragem dos srs. Francisco José e Luís Salgado, da C. D. de Lisboa.

Alinharam e marcaram:

B.P.M. — Gil (17), Borges (15), Marcelo (14), Casimiro (10), Dias Leite (10), Catarino e Carneiro (6).

SANGALHOS — Toggans (37), Hilário (16), Paulinho (13), Eugénio (12), Vítor, Veiga (10) e Fadigas.

1.ª parte: 38-47. 2.ª parte: 34-41.

Com exibição deveras positiva, em que sobressaiu o norte-americano Toggans (que tem vindo a confirmar os atributos com que o haviam credenciado), os campeões aveirenses obtiveram precioso êxito, no sempre difícil recinto dos bancários portuenses.

O B.P.M., nos minutos iniciais, teve ainda ligeira vantagem pontual. Depois, a velocidade e a diversidade de processos (tanto a defender, como a atacar) dos bairradinos surpreenderam a equipa visitada, que se viu batida, sem apelo nem agravo.

II DIVISÃO — Zona Norte

Série A — 5.ª jornada

ILLIABUM — ESGUEIRA . 70-37
COVILHÃ — GAIA 54-62
GUIFÕES — NAVAL . . . 51-55
SP. FIGUEIREN. — C.D.U.P. 52-72

Série B — 5.ª jornada

SANJOANEN. — PAROQUIAL 66-48
SPORT — LEIXÕES 84-50
OLIVAIS — MARINHENSE . 67-42
GALITOS — VILANOVENSE . (a)

(a) — Na impossibilidade de utilização, no sábado, do Pavilhão Gimnodesportivo de Aveiro, o jogo foi transferido para o Pavilhão de Ílhavo. No entanto, e por discordar da mudança, o Galitos não se apresentou em campo

Continua na página 8

Xadrez de Notícias

Os torneios distritais de andebol de sete, suspensos no passado fim-de-semana, prosseguem hoje, com os jogos previstos para sábado findo. Assim, teremos: em Aveiro (Pavilhão do Beira-Mar), Beira-Mar — Galitos, em juniores; e Beira-Mar — Avanca, em seniores; e, em Espinho, Espinho — Sanjoanense, em juniores e seniores.

Prosseguem, igualmente, as provas aveirenses de basquetebol, com o seguinte programa geral: JUNIORES — Esgueira — Illiabum, Sangalhos — Ovarense e Galitos — Beira-Mar. INICIADOS — Galitos-A — Sangalhos e Cucujães — Illiabum. JUVENIS — Galitos-A — Sangalhos, Ovarense — Illiabum e Esgueira — Sanjoanense. FEMININO — Sangalhos — Ovarense e Esgueira — Galitos.

A Federação Portuguesa de Atletismo autorizou a transferência dos atletas Manuel Castro e Jorge Manuel Simões, ambos ex-Galitos, para o Desportivo da Gafanha.

Começa amanhã a disputar-se o Campeonato Distrital de Iniciados da Associação de Futebol de Aveiro — competição a que concorrem nove clubes.

Na ronda inaugural, fica de «folga» o Beira-Mar, havendo os seguintes quatro desafios: Espinho — Avanca, Gafanha — Bustelo, Oliveirense — Arrifanense e Estarreja — S. Roque.

PROGNÓSTICOS DO CONCURSO N.° 17 DO «TOTOBOLA»

30 de Dezembro de 1973

1 — Benfica — Setúbal 1
2 — Guimarães — Boavista 1
3 — Porto — Leixões 1
4 — Montijo — Belenenses 2
5 — C.U.F. — Oriental 1
6 — Farense — Beira-Mar x
7 — Chaves — Espinho 2
8 — Vilanovense — Braga x
9 — Aves — Sanjoanense 2
10 — Lourosa — U. Coimbra 1
11 — Alhandra — Marinhense 1
12 — C. Piedade — Portimonense x
13 — Sintrense — U. Tomar 2

Campeonato Nacional da I Divisão

ARQUIVO

Resultados da 13.ª jornada:

SPORTING — ACADÉMICA . 3-0
BENFICA — OLHANENSE . 4-1
GUIMARÃES — BARREIREN. 0-0
PORTO — SETÚBAL . . . 2-0
MONTIJO — BOAVISTA . . 2-2
C.U.F. — LEIXÕES 0-3
FARENSE — BELENENSES . 2-1
BEIRA-MAR — ORIENTAL . 2-3

Mapa de pontos:

	J.	V.	E.	D.	B.	P.
V. Setúbal	13	10	1	2	43-8	21
Sporting	13	10	1	2	35-9	21
Benfica	13	9	2	2	19-7	20
Porto	13	7	4	2	21-10	18
C. U. F.	13	6	4	3	21-16	16
Belenenses	13	6	3	4	26-18	15
Guimarães	13	5	5	3	12-10	15
Farense	13	4	6	3	18-14	14
Boavista	13	4	3	6	17-23	11
Oriental	13	5	1	7	13-27	11
Olhanense	13	4	1	8	13-34	9
Barreirense	13	2	4	7	6-12	8
Montijo	13	3	2	8	11-27	8
Leixões	13	2	3	8	13-22	7
Académica	13	3	1	9	10-24	7
BEIRA-MAR	13	3	1	9	16-33	7

Próxima jornada:

Jogos para amanhã:

BEIRA-MAR — ACADÉMICA
OLHANENSE — SPORTING
BARREIRENSE — BENFICA
SETÚBAL — GUIMARÃES
BOAVISTA — PORTO
BELENENSES — C.U.F.
ORIENTAL — FARENSE
LEIXÕES — MONTIJO

Desaire surpresa, deveras comprometedor...

BEIRA-MAR, 2 ORIENTAL, 3

Jogo em Aveiro, no Estádio de Mário Duarte, sob arbitragem do sr. João Gomes, da C. D. do Porto, coadjuvado pelos srs. Gomes Pinhal (bancada) e Amorim da Silva (superior).

As equipas alinharam deste modo:

BEIRA-MAR — Arménio; Ramalho, Marques, Soares e Almeida; Colorado, Adé (Lázaro, aos 60 m.) e Bábá; Edson, Cleo e Alemão.

ORIENTAL — Gomes; Amílcar, Zeca, Hector e José Manuel; José Carlos, Armando e Armando Luís; Moia (Quim, aos 63 m.), Artur (Madeira, aos 77 m.) e Sapinho.

Tarde fria, a de domingo, em Aveiro — com humidade doentia, nevoenta. Ar pesado, plúmbeo. Diminuta, em consequência, haveria de ser, como foi, efectivamente, a afluência de espectadores ao desafio Beira-Mar — Oriental — uma partida que os aveirenses precisavam de ganhar, a todo o custo, para poderem subir na tabela pontual.

Um tanto surpreendentemente (para quantos não tenham assistido ao jogo, frizemos), o Beira-Mar voltou a perder, no seu ambiente — encerrando, com saldo cem por cento negativo, o ciclo de quatro jornadas, a fio, em que teve de medir forças com as equipas lisboetas (0-2, na Luz, com o Benfica; 1-2, em Aveiro, com o Belenenses; 2-5, em Alvalade, com o Sporting; e, agora, 2-3, de novo em Aveiro, com o Oriental).

E, *a priori*, o prélio contra os marvilenses — que, consabidamente, pertencem ao «mesmo» campeonato dos auri-negros —, era um jogo para ganhar, para o onze de Aveiro. Não sucedeu assim, contrariando a grande maioria dos vaticínios, que, pela lógica, concediam o favoritismo ao Beira-Mar, agora, e por via deste inesperado malogro, relegado para o «terceto» portador da indesejável «lanterna-vermelha».

Os marvilenses apresentaram-se sobre o relvado dentro de esquema táctico ardiloso, que veio a resultar em pleno. Acautelando-se na defensiva — com o argentino Hector a actuar em jeito de «115», qual «líbero»-volante, umas vezes atrás, outras ao lado ou à frente dos quatro defesas —, o Oriental jogou com muito acerto a meio-campo e soube ser intencional e prático, no ataque. Denotou assinalável organização global e actuou com determinação elogiável e bom sentido de entre-ajuda — armas com que surpreendeu e liquidou o seu antagonista.

Os beiramarenses, jogando aquém do nível que seria de esperar e de exigir, jamais conseguiram atinar com o melhor modo de vencer a oposição do «onze» lisboeta. Isto foi mais notório na metade inicial, que os orientalistas atingiram já na posição de vencedores, por 2-1 — dado que, após o reatamento, se registou forte tentativa dos locais, no intuito de virarem o resultado. Mas sem êxito. O Beira-Mar, sobre ter jogado de forma desastrada, no bloco defensivo (mal batido em todos os lances que precederam os golos contrários!), careceu de clarividência nos homens do meio-campo (onde Colorado e Bábá tiveram altos e baixos e Adé jogou muito mal) e teve autêntica desfortuna no ataque, em fases que bem podiam ter decidido o jogo a seu favor.

Havia 41 m., quando o marcador funcionou pela primeira vez, e a favor

Continua na página 8

AVEIRO NAS PROVAS FEDERATIVAS

NACIONAL DA II DIVISÃO

Resultados da 15.ª jornada

Chaves — Gouveia 3-0
OLIVEIRENSE — LAMAS . . 3-1
Varzim — ESPINHO 1-0
Riopele — Famalicão . . . 2-2
Tirsense — Salgueiros . . . 1-1
Vilanovense — Penafiel . . 2-0
Aves — Fafe 0-3
LUSITÂNIA — Braga 1-0
Gil Vicente — SANJOANENSE 1-0
FEIRENSE — U. Coimbra . . 1-1

Classificação — ESPINHO e Varzim, 21 pontos. Fafe, SANJOANENSE, Tirsense e LUSITÂNIA, 19. União de Coimbra e Penafiel, 17. Riopele, Braga, Salgueiros e Chaves, 16. Famalicão, 15. Vilanovense, 14. OLIVEIRENSE, 12. Gil Vicente, 11. FEIRENSE, 10. Gouveia, 9. LAMAS, 6. Aves, 5.

NACIONAL DA III DIVISÃO

Resultados da 13.ª jornada

Zona A

Lamego — Vila Real 0-1
Freamunde — Vianense . . 3-3
Vieirense — Leça 2-1
S. Pedro Cova — Bragança . 1-0
Monção — Avintes 2-1
Valpaços — Rio Ave 1-1
Esposende — Paços Ferreira . 1-1
Vizela — Vila Pouca 2-1
Limiamos — Régua 0-0
(Folgou o PAÇOS BRANDÃO)

Zona B

Vilar Formoso — Naval . . . 0-0
Marialvas — Guarda 3-1
VALECAMBRENSE — Penalva 0-0
A. Viseu — Tabuense 1-0
Cov. Benfica — ANADIA . . . 1-0
Mangualde — Mortágua . . . 3-1
OLIV. BAIRRO — Covilhã . . 1-1

OVARENSE — Lousanense . . 2-0
Febres — ALBA 1-2
CUCUJÃES — Ala-Arriba . . 1-1

Classificações

ZONA A — Vila Real e Paços de Ferreira, 19 pontos. Régua, 18. Avintes e Freamunde, 16. Leça, 15. Monção, 14. Limiamos, Vieirense e Rio Ave, 13. Vianense, 12. Lamego e S. Pedro da Cova, 11. Esposende, 10. Vizela, 9. PAÇOS DE BRANDÃO, 7. Valpaços e Bragança, 6. Vila Pouca, 4.

ZONA B — ALBA e CUCUJÃES, 18 pontos. Covilhã, CALECAMBRENSE, Mangualde, OLIVEIRA DO BAIRRO e OVARENSE, 17. Académico de Viseu, Naval, ANADIA e Febres, 16. Ala-Arriba e Guarda, 12. Marialvas, 11. Penalva do Castelo e Covilhã e Benfica, 9. Mortágua, 8. Lousanense, 4. Tabuense e Vilar Formoso, 3.

Totobolando

PROGNÓSTICOS DO CONCURSO N.° 18 DO «TOTOBOLA»

6 de Janeiro de 1974

1 — C.U.F. — Farense 1
2 — Montijo — Oriental 1
3 — Porto — Belenenses 1
4 — Guimarães — Leixões 1
5 — Sporting — Setúbal 1
6 — Olhanense — Beira-Mar 2
7 — Penafiel — Varzim x
8 — Fafe — Riopele 1
9 — Braga — Tirsense 1
10 — Gil Vicente — Lourosa x
11 — Lusitano — Atlético x
12 — Marinhense — U. Leiria x
13 — Portimonense — Peniche 1

SUMÁRIO DISTRITAL

I DIVISÃO

Resultados da 10.ª jornada

Cesarense — Mealhada 2-1
Fermentelos — Avanca 3-1
Corfi-Cotesi — Arouca 3-0
Recreio — Valonguense 2-0
S. Roque — Esmoriz 0-2
Paivense — Gafanha 7-0
Estarreja — Arrifanense . . . 0-2
Cortegaça — Bustelo 1-0

Classificação — Recreio de Águeda e Fermentelos, 26 pontos. Cesarense, 25. Corfi-Cotesi, 23. Arrifanense, 22. Paivense e Avanca, 21. Arouca e Bustelo, 20. Cortegaça, 19. Mealhada, 18. Valonguense e Esmoriz, 18. S. Roque e Gafanha, 15. Estarreja, 13.

JUNIORES

I Divisão — 14.ª jornada

Gafanha — Cucujães 5-0
Paços Brandão — Estarreja . 3-0
Bustelo — Valonguense . . . 1-1
Lamas — Recreio 1-2
Avanca — Sanjoanense . . . 0-4
Cortegaça — Anadia 0-1

Classificação — Sanjoanense, 39 pontos. Anadia, Recreio de Águeda e Gafanha, 34. Paços de Brandão, 32. Estarreja, 28. Bustelo, 27. Lamas, 25. Avanca, 22. Valonguense e Cortegaça, 21. Cucujães, 19.

II Divisão — 9.ª jornada

Zona A

Arrifanense — Espinho . . . 0-0
Paivense — Feirense 4-1
Fiães — Valecambrense . . . 2-0
Ovarense — Lusitânia 2-1
Corfi-Cotesi — Esmoriz . . . 5-0

Zona B

Oliveirense — Fogueira . . . 1-1
S. Roque — Mealhada 2-1
Alba — Pinheirense 1-0
Beira-Vouga — Fermentelos . 2-2
Pampilhosa — Cesarense . . . 1-1

Classificações

ZONA A — Lusitânia, 25 pontos. Arrifanense, 24. Espinho, 21. Ovarense, 20. Corfi-Cotesi, 18. Valecambrense, 17. Paivense, 16. Feirense, 14. Fiães e Esmoriz, 12.

Continua na página 8

SERVIÇO DE FARMÁCIAS

Sábado	ALA
Domingo	AVEIRENSE
2.ª-feira	AVENIDA
3.ª-feira	SAÚDE
4.ª-feira	OUDINOT
5.ª-feira	NETO
6.ª-feira	MOURA

Das 9 h. às 9 h. do dia seguinte

Câmara Municipal de Aveiro

COMUNICADO

No passado dia 15, a Cidade viveu um dos acontecimentos mais transcendentes da sua história, com a cerimónia de posse do Reitor e da Comissão Instaladora da nova Universidade de Aveiro e teve, por outro lado, a oportunidade de manifestar a Sua Excelência o Ministro da Educação Nacional, a gratidão que ele bem merece, pelos múltiplos e inestimáveis serviços prestados à nossa terra.

Reportando-se às ocorrências em causa, a Câmara Municipal, em sua reunião de 18 do corrente, e por unanimidade, deliberou:

1.º — Reafirmar o seu júbilo pelo arranque da Universidade Aveirense, e os propósitos da mais leal, dedicada e permanente colaboração com o seu Ilustre Reitor e digna Comissão Instaladora;

2.º — Significar ao Governo da Nação e a Sua Excelência o Ministro da Educação Nacional, uma vez mais, o reconhecimento sincero e profundo da cidade, pela criação e entrada em funcionamento do referido estabelecimento de Ensino Superior, cuja importância para o Concelho e Distrito de Aveiro, se torna inútil encarecer;

3.º — Reiterar ao Excelentíssimo Senhor Governador Civil de Aveiro o mais vivo agradecimento, pela notabilíssima actividade desenvolvida em prol da concretização da Universidade Aveirense;

4.º — Agradece à população e instituições Aveirenses, o civismo uma vez mais demonstrado, pela sua participação totalmente voluntária, entusiástica e em massa, nas cerimónias a que se alude;

5.º — Louvar os funcionários e serviços camarários chamados a colaborar na preparação dos actos públicos realizados, pelo trabalho eficiente e dedicado que desenvolveram, apesar do pouco tempo de que dispuseram para o efeito;

6.º — Prestar homenagem e agradecer aos Aveirenses que, na emergência, espontânea e desinteressadamente, se dignaram colaborar com o Município, sendo particularmente de revelar a acção prestimosíssima da Exma. Senhora D. Maria Helena Branco Lopes;

7.º — Apresentar desculpas por quaisquer faltas cometidas, inevitáveis em organizações de tamanho vulto, mas sempre de lamentar, quer pelos que delas são vítimas, quer pelos que, involuntariamente, as originaram; tais desculpas são especialmente devidas às pessoas que nas Ruas Direita — Parte Sul — e de Santa Joana, aguardavam a passagem do cortejo cívico delas desviado por ocasional lapso, a que a Urbanização foi estranha.

Deliberações tomadas na reunião ordinária de 18.12.73

Na Escola do Magistério FESTA CULTURAL E NATALÍCIA

No dia 17 do corrente, a Escola do Magistério Primário levou a efeito um conjunto de actividades culturais e natalícias, em regime de escola aberta, para as quais foi convidada a Imprensa. Estiveram igualmente presentes o Governador Civil de Aveiro, Dr. Vale Guimarães; o Vice-Presidente da Câmara Municipal, Dr. José Luís Rebocho de Albuquerque Christo; o Vigário-Geral da Diocese, Monsenhor Aníbal Ramos, em representação do venerando Prelado D. Manuel de Almeida Trindade, e o Delegado Distrital da M. P., Dr. Fernando Marques.

Às 10.30 horas, foi posto à discussão o tema «A Transmissão do Conhecimento» à face da Pedagogia e da Educação na escola nova, com recurso à dinâmica de grupos. Pelas 11.30 h., o Dr. Orlando de Oliveira, Reitor do Liceu Nacional de Aveiro, falou aos alunos sobre a vida e obra de Jean Rostand. Às 15 h., a D. Helena Ramos Vaz Duarte, directora do G. F. M. da Escola, fez uma conferência sobre «A Comunidade Luso-Brasileira no Contexto Mundial», integrada na Semana do Ultramar-73, em colaboração com a Sociedade de Geografia de Lisboa, sua organizadora.

O Chefe do Distrito apresentou-se na Escola do Magistério às 17 h., inaugurando o Presépio do E. M. P. A., assistindo à distribuição de brinquedos aos alunos das escolas de aplicação anexas n.º 1 e n.º 4, respectivamente da Glória e da Vera Cruz, num total de quase quinhentas crianças.

É de salientar a actividade e esforço dos alunos da E. M. P. A., que, consciencializados, permitiram que o programa que traçaram resultasse de maneira muito satisfatória. De sublinhar também a colaboração dos professores das escolas de aplicação anexas, cujos alunos foram dar à E. M. P. A. uma atmosfera de Natal vivido, com as suas vozes infantis e o entusiasmo pelas lembranças que foi possível ofertar-lhes.

PINTURA AO AR-LIVRE

Conforme notícia dada à estampa nestas colunas, a Galeria Convés, sob a orientação do artista Zé Penicheiro e com o apoio do Município aveirense, inaugurará hoje, sábado, 22, à Praça do Dr. Joaquim de Melo Freitas, sob a Arcada, uma exposição de Pintura e Desenho, que estará patente ao público até 6 de Janeiro próximo.

JURAMENTO DE BANDEIRA

Na manhã de ontem, sexta-feira, 21, cerca de 1680 soldados-recrutas, pertencentes ao 4.º turno da Escola de Recrutas do ano corrente, prestaram o seu Juramento de Bandeira no Regimento de Infantaria N.º 10, aquartelado nesta cidade.

As cerimónias tiveram lugar no aquartelamento de Sá.

O «PAI NATAL» EM AVEIRO

Por iniciativa de uma comissão de comerciantes desta cidade e de colaboração com o Município aveirense, Comissão Municipal de Turismo e Grémio do Comércio, virá amanhã, domingo, 23, a Aveiro, um «Pai Natal».

A sua chegada está prevista para as 15 horas, em frente ao monumento aos Mortos da Grande Guerra, percorrendo, depois, as diversas artérias citadinas que se encontram ornamentadas e procedendo, tal como no ano transacto, à distribuição de brinquedos e guloseimas a todas as crianças que queiram associar-se àquela iniciativa.

CENTRO PAROQUIAL DA VERA-CRUZ

Com vista à angariação de fundos para a construção do Centro Paroquial da Vera-Cruz, realizou-se, no último sábado, no Seminário de Santa Joana Princesa, nesta cidade, um espectáculo de teatro amador, organizado pelo Grupo de Teatro da Casa do Povo da Oliveirinha, que levou ali à cena a peça de Molière «As Artimanhas de Scapin», numa numa tadução de Maria Helena Lucas e encenada por José Matos de Carvalho .

FESTA DE NATAL

Na tarde do próximo sábado, 29, o Jardim Infantil da Vera-Cruz organiza uma festa de Natal dedicada aos seus actuais e antigos alunos.

A festa, com início às 15.30 horas, realizar-se-á nas instalações do CETA, ao n.º 14 da Rua das Tomásias, nesta cidade.

Os pequenitos que frequentam o Jardim Infantil exibir-se-ão com canções da quadra natalícia; será, depois, exibido um filme; o convívio prolongar-se-á no decurso de uma merenda e com uma troca de prendas entre as crianças.

O VOO DAS AVES

O caçador sr. Alberto de Oliveira Ramada abateu, há dias, nas proximidades de Cacia, uma ave conhecida pela designação de «cuinha» e que era portadora de uma anilha com a seguinte inscrição: Vogelrekstation - Arnhem - Holand - 1043957.

AVEIRO/ARTE em GUIMARÃES

Tem alcançado assinalável êxito a anunciada exposição de trabalhos que a conceituada Secção de Artes Plásticas do Clube dos Galitos «AVEIRO/ /ARTE» tem vido a realizar na cidade de Guimarães, na Associação Cultural e Recreativa «Convívio».

O certame, que teve o seu início em 15 do corrente, encerrará amanhã, domingo, dia 23.

Pela SANTA CASA DA MISERICÓRDIA

Em Assembleia Geral recentemente realizada, foram eleitos os seguintes elementos que irão integrar a gerência da Santa Casa da Misericórdia de Aveiro durante o triénio de 1974-76:

ASSEMBLEIA GERAL — **Presidente**, Dr. António Fernando Rendeiro Marques; **Vogais**, Manuel Maria Rodrigues Valente e João Ferreira dos Santos.

MESA — **Provedor**, Comendador Egas da Silva Salgueiro; **Secretário**, Carlos Grangeon Ribeiro Lopes; **Tesoureiro**, Alfredo Carlos de Almeida Marques; **Vogais**, Luís Franco Machado, João da Costa Belo, José Gamelas Matias, Francisco da Encarnação Dias, Domingos Ferreira da Maia, Arnaldo Estrela Santos, David Martins dos Santos Melo, Mário da Silva Lourenço e António Luís da Cruz Bento (efectivos); e (substitutos) Luís Gomes da Costa, Aristides Leite Ferreira, José de Pinho Nascimento, João da Costa Belo, Filho, Agnelo Casimiro Ferreira da Silva, Antero Pires Cardoso, Eduardo Campos de Pinho e Sérgio Augusto de Oliveira Sérgio.

BAILE DE PASSAGEM DO ANO

Promovido pelo grupo de jovens aveirenses «Os Koxixus», realizar-se-á, na noite de 31 do corrente, no Teatro Aveirense, o tradicional baile de passagem do ano, em que participarão os conjuntos musicais «Kzar's», «Nova Dimensão» e «The Flintstons».

DIA DE GOA

A exemplo dos anos anteriores e por iniciativa dos Centros de Aveiro, a M.P. e a M. P. F. recordaram, na última terça-feira, dia 18, a invasão do Estado Português da Índia, com uma cerimónia junto do padrão da Rua do Infante D. Henrique, que teve a presença de diversas entidades militares, civis e religiosas.

Depois de observado um minuto de silêncio e acesa a chama votiva da Pátria, o sr. Dr. Fernando Marques, Delegado Regional da MP, proferiu uma alocução, lembrando as condições em que a União Indiana perpetrou o assalto e o longo e duro cativeiro dos nossos irmãos de Goa, terminando com palavras de esperança na libertação dos territórios de Goa, Damão e Diu.

Pelo MATADOURO MUNICIPAL

Durante o mês de Novembro transacto, o Matadouro Municipal de Aveiro registou o seguinte movimento de abates: 204 bovinos adultos, com 46 546,5 kgs.; 3 bovinos adolescentes, com 271 kgs; 232 suínos, com 18 412 kgs; 50 caprinos, com 270,5 kgs.; e 265 ovinos, com 3 745,5 kgs.

No que se refere ao serviço de matança externa, o movimento foi o seguinte: 4 bovinos adultos, com 774 kgs; e 544 suínos, cm 40 262,5 kgs.

Durante aquele período, foram rejeitados para consumo 2 bovinos adultos, com 520,5 kgs; 2 suínos, com 138,5 kgs; e 483 kgs. de carnes e vísceras.

MOVIMENTO DE TURISTAS

Durante o mês findo, o Posto de Informações da Comissão Municipal de Turismo desta cidade registou a presença de 162 turistas, dos quais 39 estrangeiros.

BENEMERÊNCIA

O sr. José F. da Silva, proprietário da conceituada «Casa Martelo», desta cidade, enviou-nos um cheque do montante de 500$00 destinado aos pobres do Litoral e em memória de sua saudosa mãe, D. Ludovina da Silva Dias.

Em nome dos contemplados, os nossos agradecimentos.

CARTAZ DE ESPECTÁCULOS

Teatro Aveirense

Sábado, 22 — às 21.30 horas

VINGANÇA DE DJANGO — para maiores de 18 anos.

Domingo, 23 — às 15.30 e 21.30 horas

CÉSAR E ROSÁLIA — para maiores de 18 anos.

Terça-feira, 25 às 11 horas

ERA UMA VEZ... — um filme de walt Disney, para maiores de 6 anos.

Terça-feira, 25 — às 15.30 e 21.30 horas

S. FRANCISCO DE ASSIS — para maiores de 14 anos.

CASAMENTO

No dia 7 do corrente, realizou-se o casamento da sr.ª D. Maria Fernanda da Silva Couceiro, filha da sr.ª D. Maria da Glória da Silva Couceiro e do sr. Altino Lopes Couceiro, com o sr. Ulisses Manuel Brandão Pereira, filho da sr.ª D. Lucinda de Sousa Brandão Pereira e do nosso bom amigo e distinto Director do prezado colega local «Lutador», Ulisses Rodrigues Pereira.

Foram padrinhos: pela noiva, a sr.ª D. Maria Filomena de Pinho Ribeiro e o sr. Dr. José Miguel de Pinho Ribeiro; e, pelo noivo, a sr.ª D. Ana Laura Ferreira Guedes da Rocha Marques e o sr. António Rodrigues Marinheiro.

Foi celebrante o Rev.º Padre Pereira e o acto teve lugar na capela de S. João, na Barra.

Ao jovem casal auguramos e desejamos as maiores felicidades.

ÊXITO ABSOLUTO DO
1.º Encontro de Correspondentes do Banco Pinto de Magalhães

CONSTITUIRAM sucesso notável as três primeiras jornadas do 1.º Encontro de Correspondentes do Banco Pinto de Magalhães, a terceira das quais terminou no Domingo, dia 18 do mês findo. As duas jornadas anteriores ocuparam os fins-de-semana precedentes, assim se completando a primeira fase do Encontro, dedicada aos Correspondentes do Norte do País. Seguiu-se a segunda fase já iniciada, que ocupará igualmente três fins-de-semana, dedicada aos Correspondentes do Sul, a realizar em Lisboa.

As três jornadas realizadas no âmbito da Zona Norte, reuniram cerca de 400 Correspondentes para além de igual número de Acompanhantes, o que deu ao Encontro o carácter dum verdadeiro Congresso, em que foram debatidos problemas do maior interesse para o Banco e para a classe dos Correspondentes, cuja colaboração e dedicação se pretendia honrar.

As sessões de trabalho realizaram-se nas tardes de sábado, na sala de conferências do Hotel Praiagolfe, de Espinho. O Presidente do Conselho de Administração do Banco, Afonso Pinto de Magalhães, que a elas presidiu ladeado por outros Administradores e Directores, participou directamente nos debates, baseados nas exposições feitas pelos Chefes dos diversos Serviços Centrais — Correspondentes, Agências, Informações, Emigração, Títulos, Numismática, etc. — e ainda pelos Delegados do Grupo Segurador B.P.M., formado pelas Companhias de Seguros Mutualidade, Soberana e Aliança Madeirense, e da Agência de Viagens Nortur-PM Turismo.

A Comissão Organizadora convidou para participar em cada uma das Sessões de Trabalho o conhecido Homem de Letras António Lopes Ribeiro, ele também Colaborador do Banco, que proferiu uma palestra sob o tema «A Posição do Banco Pinto de Magalhães no Plano Económico Nacional e o enquadramento do Correspondente na Actividade Bancária» a qual obteve assinalável êxito.

Vários Correspondentes formularam dúvidas e apresentaram sugestões, que foram devidamente esclarecidas e consideradas, todos eles se empenhando em manifestar o seu agrado pela iniciativa deste Encontro, o primeiro do seu género que se realiza em Portugal.

Enquanto decorriam as Sessões de Trabalho, as Senhoras que acompanhavam os Correspondentes, assistidas por gentis Funcionários do Banco Pinto de Magalhães, participaram em passeios turísticos nas regiões circunvizinhas em visitas ao Lar do Comércio em Catassol. Nas noites de sábado, todos os convidados tomaram parte num jantar no Hotel Praiagolf, em que foram distribuídos troféus aos Correspondentes com os quais simbolicamente se honrava a sua dedicação e brindes às Senhoras, seguindo-se um espectáculo no Casino de Espinho a eles especialmente destinado.

As manhãs de domingo foram ocupadas por visitas ao edifício da Sede do Porto, ao Centro Electrónico e ao Pavilhão Desportivo BPM nas quais foram especialmente demonstrados aos visitantes, por Funcionários especializados, os diversos Serviços de circuitos internos de Televisão — Bolsa de Títulos e Depósitos —, parque periférico de máquinas, Centro Electrónico e ainda uma mostra da valiosa colecção de moedas de ouro e prata.

Seguiram-se missas na Sé Catedral do Porto celebradas pelo Rev.º Padre Vitorino Borges que foi em tempos Funcionário do Banco.

A finalizar as jornadas realizaram-se almoços no Praiagolf onde os convidados se haviam hospedado.

Como foi salientado por várias vezes no decurso do Encontro, este empreendimento, inédito entre nós, dá bem a medida do espírito inovador que caracteriza o Banco Pinto de Magalhães, homenageando a dedicação de quantos nele ou para ele trabalham.

A Agência de Aveiro deste Banco fez-se representar no Encontro através da presença de um dos seus Gerentes, Snr. Orlando Bismarck, bem como pelos funcionários das relações externas Manuel Ferreira Canelas, Alberto Cardoso Leitão e João Carlos Bandeira.

Os correspondentes da região compareceram na sua totalidade, correspondendo assim do melhor modo à iniciativa.

INFORMAÇÃO LITERÁRIA

A LESTE, UMA SOCIEDADE MAIS JUSTA? **O novo título da colecção «Século XX-XXI»**, de Iniciativas Editoriais (Av. Rio de Janeiro, 6 s/c Esq. — LISBOA 5).

Sete especialistas — de direito, sociologia, problemas culturais e sindicalismo (Janina Lagneau, Basile Kerblay, Guy Caire, Roger Garaudy, Maryse Lamps, Jean Guy Collignon e Victor Fay) — fazem o ponto da situação actual nos países do Leste, respondendo às seguintes perguntas: Que vantagens oferecem hoje os Estados socialistas aos trabalhadores das diferentes categorias? Qual a situação das classes operárias que, com os camponeses pobres ou os membros das granjas colectivas, constituem a classe dominante do Estado? Os operários participam na direcção das empresas, e de que forma? A legislação e a prática dos tribunais soviéticos dão aos particulares garantias de justiça? O acesso das massas populares à cultura é mais fácil na U.R.S.S. do que no Ocidente?

Um livro de séria reflexão que não é de difícil leitura.

SOCIEDADE PORTUGUESA DE ESCRITORES MÉDICOS

A Sociedade Portuguesa de Escritores Médicos (SOPEM) vai atribuir, em Março do próxima ano ,alguns dos prémios que instituíu para médicos e estudantes de Medicina de nacionalidade poruguesa, autores de obras literárias. Esses prémios SOPEM, cada um, no valor de 12 500$00 são os relativos aos géneros de poesia («António Patrício») e de teatro («Marcelino Mesquita»), destinados a galardoar obras publicadas em 1972 e 1973.

Também em Março próximo, serão aribuídos os prémios de revelação: obras inéditas de autores médicos ou estudantes de Medicina em relação a poesia e a teatro.

Os ineressados devem enviar as sua sobras, até 31 do corrente mês, para a sede da Sociedade de Escritores Médicos — Avenida de Óscar Monteiro Torres, 45-1.º, Lisboa-1 (Telefs. 779000 e 779092, — dirigidas ao Secretário Geral, Dr. Mário Cardia.

AGRADECIMENTO
EMÍLIA ROSA DIAS

Sua família, impossibilitada de o fazer pessoalmente, por falta de endereços, vem, por este meio, agradecer a todas as pessoas que, de algum modo, lhe manifestaram a seu pesar pelo falecimento do saudoso extinto.

MISSA DO 2.º ANIVERSÁRIO
JOAQUIM LOPES DE OLIVEIRA

Sua esposa filhos e nora comunicam que mandam celebrar missa, por intenção do saudoso extinto, no próximo dia 5 de Janeiro de 1974, na igreja da Sé, às 9 horas da manhã, desde já agradecendo a quantos se dignarem comparecer naquele piedoso acto.

'CARA OU C'ROA'

PROBLEMAS DE INVESTIMENTOS

Uma secção de **RUI ALBERTO**

1. A DIFUSÃO DAS SOCIEDADES POR ACÇÕES

Cremos não proceder erradamente ao tentarmos fornecer aos nossos leitores algumas noções económicas sobre as sociedades anónimas.

Assim, vamos reproduzir algumas linhas das **Lições de Economia Política** do Prof. AVELÃS NUNES sobre este assunto:

«...O capitalismo escolheu, (...), as sociedades por acções.

Vêm elas de muito longe: já as encontramos no séc. XV, na Itália, nos primórdios do capitalismo comercial. Depois, nos sécs. XVII e XVIII, vêmo-las na Holanda, na Inglaterra e na França, sobretudo na forma de companhias coloniais. Eram sociedades desta espécie as célebres Companhias das Índias Orientais e Ocidentais criadas por COLBERT.

Mas foi principalmente a partir do séc. XIX, primeira metade, que as sociedades por acções se difundiram. E foi tal a sua expansão que hoje vêmo-las, nos principais países capitalistas, a abarcar a maior parte das indústrias extractivas, transformadoras e transportadoras estão nas mãos das sociedades por acções.

Porquê, esta preferência do capitalismo? Primeiro, porque essas sociedades constituem o melhor processo de reunir capitais. Ora, o capitalismo precisa de capitais para desenvolver as suas empresas em escala sempre crescente.

Compreende-se que as sociedades por acções sejam o melhor processo de centralizar capitais. Desde logo, porque atraem o dinheiro dos pequenos capitalistas. É que as acções são de reduzido valor, de 500$00, de 1 conto, e estão, portanto, ao alcance das pequenas bolsas, das pessoas que só podem dispôr de alguns contos ou algumas dezenas de contos. Ora, essas pessoas, apesar de terem pouco, são muitas. E o pouco de muitos, quando somado, faz milhões.

Mas essas sociedades, além de atraírem às empresas o dinheiro dos pequenos, também chamam o dos grandes capitalistas. Não só porque o risco que sofrem é limitado ao montante dos títulos subscritos, como porque as acções são negociáveis — subscrevem-se hoje 1 000 acções por 1 000 contos, e podem amanhã vender-se, realizando de novo o capital. Deste modo, os capitalistas conseguem associar o seu dinheiro às empresas sem receio de grandes prejuízos, ficando sempre, por outro lado, com a possibilidade de realizar quando queiram, mediante a venda das acções na Bolsa, o capital nelas investido.

Simplesmente, as sociedades por acções não ficam por aqui. De facto, elas ainda centralizam capitais mediante a emissão de obrigações.

A acção é o título do sócio, do empresário. Como o lucro da empresa não é constante, o rendimento da acção também não é fixo, mas variável. Este rendimento resulta da divisão do montante dos lucros pelo número de acções; por isso se chama dividendo. As acções têm pois, um rendimento que é o dividendo variável.

A obrigação é coisa diferente: é o título, não do sócio, mas do credor. Ora, como o credor não sofre o risco de ganhar ou perder, a obrigação tem um rendimento fixo: o juro. Todos os anos o obrigacionista recebe uns tantos por cento de juro, como também todos os anos o accionista tem um lucro ou um prejuízo, maior ou menor.

As obrigações são igualmente negociáveis na Bolsa. Daí que haja muita gente disposta a subscrevê-las. Elas representam, em última análise, empréstimos em que fica ao arbítrio do credor estabelecer a data do vencimento. Na verdade, o credor pode realizar em qualquer altura o seu dinheiro, vendendo os títulos.

Foi por tudo isso que as sociedades por acções se revelaram aos olhos do capitalismo como o melhor meio de centralizar capitais. Foi por tudo isso que ele as preferiu, e daí que nós encontremos, nos países mais desenvolvidos, a indústria quase inteiramente nas suas mãos.

Mas não foi só por isso que o capitalismo as preferiu. É que as sociedades por acções têm ainda, aos olhos dos capitalistas, a virtude de poderem permitir que **os grandes disponham do dinheiro dos pequenos.**

Os sócios são muitos — centenas, milhares, dezenas de milhares. Não podem gerir todos a empresa. Essa tarefa é entregue ao conselho de administração; ora, o conselho é eleito numa assembleia geral dos sócios, realizado na sede da sociedade. Concretizemos, e façamos a sede da sociedade em Lisboa. Os seus milhares de sócios estão espalhados por todos os recantos do País, de Trás-os-Montes ao Algarve. E muitos são pequenos sócios, cada um com duas, cinco, dez acções. É evidente que não vale a pena a estes sócios, de recursos minguados, deslocarem-se a Lisboa, fazendo todas as despesas que tal facto implica, apenas para tomarem parte na assembleia geral e aí exercerem o direito de voto. De modo que quem aparece na assembleia são os grandes sócios, os que dispõem de centenas ou milhares de acções; são estes que votam, que elegem o conselho de administração. E como os administradores são geralmente bem pagos, os grandes capitalistas reservam para si ou para os seus apaniguados os lugares do conselho.

É claro que a soberania continua a residir em todos os sócios. Mas, de facto, quem manda e quem aufere os proventos mais elevados são os grandes capitalistas.

São poucos os que mandam, mas são muitos, são todos os sócios, os que respondem. E mostra a experiência que os grandes capitalistas, para imporem a sua vontade nas assembleias gerais, não precisam sequer da maioria das acções: basta-lhes dispôr muitas vezes apenas de 15 ou 20% delas.

Por estes dois motivos: porque através das sociedades por acções se centralizam enormes somas de dinheiro e porque os grandes ficam a dispor do pecúlio dos pequenos, é que, afinal, o capitalismo preferiu decisivamente essas sociedades.»

Com esta transcrição pretendemos apenas dar elementos aos nossos leitores (aos que não os possuam, claro) que lhes permitam apreender melhor o processo em que estão metidos. Claro que estas noções não entram com a especulação, nem se referem ao jogo subterrâneo, hipóteses a ter hoje sempre em conta.

2. CARTEIRA LITORAL

A nossa Carteira mantém-se firme e até os LEIRIA se aproximam dos nossos valores, pois fizeram na 2.ª feira os 46 000$00. Vamos dar ordem de venda para 6.ª feira ao melhor de 50 000$00 não pelo medo que nos causam mas porque é o papel onde temos mais dinheiro empatado. Se vendermos temos um lucro de 15 000$00 no mínimo e ficamos com liquidez para qualquer negócio de ocasião. Convém aliás essa liquidez para as subscrições de Janeiro.

A venda do LEIRIA é a única operação de venda que pensamos efectuar até ao fim do ano. Para já e sem essa venda não vamos comprar nada.

Hoje não publicamos o esquema da nossa CARTEIRA dado que só conhecemos as cotações de 2.ª feira e portanto o esquema sairia desactualizado.

Dado que este é o último artigo do presente ano, resta-nos desejar aos leitores um Bom Natal e um Ano Novo cheio de bons negócios.

RUI ALBERTO

EMPREGADO DE ESCRITÓRIO

— precisa-se, com carro, serviço militar cumprido, e com conhecimentos de Inglês.

Resposta a este jornal, ao n.º 77, indicando ordenado pretendido.

Vende-se

— no centro da Presa-Aveiro, casa de habitação, com 1750 m2 de terreno, para construção e cultivo, com autocarro à porta.

Falar na Rua de S. Sebastião, 50 — Aveiro.

AVENIDA DO DR. LOURENÇO PEIXINHO

Aceitam-se propostas para venda de prédio e terreno, sito no centro da cidade, com a área total de 360 m2.

Contactar na Rua de Pedro Hispano, n.º 844, 3.º Esq. — ou pelo telefone n.º 693307 — no Porto.

Continuações da página cinco

I DIVISÃO NACIONAL

do Oriental. Em lance que Marques podia ter conjurado, em luta com ARTUR, o defesa aveirense pretendeu obter **revanche** sobre o atacante contrario; o ressalto favoreceu o orientalista, que tocou a bola a Armando Luís e a recebeu, de novo, para entrar isolado na grande area e rematar, com êxito.

Dois minutos volvidos, 1-1. Canto cedido por José Manuel, marcado por Adé e remate vitorioso de CLEO, à boca da baliza, a fazer um tento que, possivelmente, se registaria, directamente do pontapé directo de Adé.

O jogo animou bastante, com os golos. E, nessa fase de animação, quando o árbitro sr. João Gomes procedia a compensação de tempo intencionalmente perdido pelos lisboetas (Hector e Gomes simularam, em especial o primeiro, lesões que o juiz da partida consentiu serem «tratadas» no rectângulo, com as inerentes paragens — para as quais concedeu cerca de seis minutos-extra!), houve o momento decisivo do prélio.

Aos 47 m., na sequência de um livre, Alemão, de cabeça, fez a bola entrar na baliza de Gomes. O árbitro, sem motivo que se descortinasse, apitou a assinalar castigo — simultaneamente ao cabeceamento, e antes, portanto, da bola ultrapassar o risco. O fiscal de linha, sr. Amorim da Silva, correu para o centro, sancionando o golo, festejado pelos jogadores e pelo público de Aveiro. Mas, insistindo na sua, o sr. João Gomes não homologou o golo. Há que afirmar, por inteiro respeito à verdade, que a decisão mantida — conquanto tenha sido afirmada em base discutível, errada até, em nosso entender — foi uma decisão certa. João Gomes apitou, de facto, antes de se consumar o hipotético tento...

Houve protestos, naturais, pretendendo os jogadores de Aveiro uma consulta ao «bandeirinha». Mas o sr. João Gomes foi peremptório, inamovível — mandando prosseguir a partida, depois de exibir o «cartão amarelo» ao beiramarense Almeida.

Em resposta, e em fuga rapidíssima de Armando, pela direita, beneficiando da demora com que os beiramarenses regressaram aos seus postos, houve um centro, que SAPINHO captou, e ementou vitoriosamente, depois de amortecer a bola, no peito. Foi o 1-2, aos 48 m.... justamente depois de 2-1 ter estado à vista!

No segundo período, o árbitro voltou a mostrar o «cartão amarelo», a dois homens do Oriental (Hector, aos 55 m., e Sapinho, aos 57 m.) — conseguindo, com essa atitude, salvar o espectáculo, do ponto de vista disciplinar. Era, de resto, medida que de há muito se impunha. Veio com certo atraso, mas sempre surgiu...

No quarto de hora derradeiro, com o Beira-Mar inconformado, em busca, ao menos, do empate, a igualdade surgiu, de facto, aos 78 m., num remate de cabeça de EDSON, sob centro de Alemão.

E, no minuto que se seguiu, os auri-negros podiam colocar-se em vantagem no marcador. Em novo centro de Alemão, Gomes saltou com Edson, desviando a bola, de forma deficiente. Colorado recargou contra o corpo de um defensor; e, em nova tentativa, Bábá atirou a bola, possibilitando afortunada intervenção do guarda-redes marvilense.

Estava escrito, porém, que a jornada treze seria de manifesto azar dos aveirenses. E foi assim que, aos 80 m., em lance de contra-ataque, Sapinho abriu largo para Quim, que, de fora da área, rematou à barra transversal. Acorreu Marques, que tentou afastar a bola, não o conseguindo, por ter escorregado, entre os postes — aparecendo, então, MADEIRA, a efectuar a recarga, com êxito pleno.

Consubstanciou-se, deste modo, um triunfo inesperado, mas aceitável — como prémio para o espírito colectivista e para a determinação com que o Oriental se bateu, alardeando, de resto, superior organização global e notável condição física.

Do mesmo modo, e talvez com maior justiça, se acolheria uma repartição dos pontos em disputa, uma vez que, apesar dos deméritos evidenciados, o Beira-Mar não mereceu sair vencido.

O árbitro sr. João Gomes teve uma tarde sombria, negativa, sem dúvida — sobretudo pela série de clamorosos erros que cometeu na primeira parte. Recompôs-se, é facto, depois do intervalo, mas isso não bastou para apagar a má impressão anterior.

Houve faltas que careceram da devida punição, diversos foras-de-jogo erradamente assinalados (o que é grave, alguns em jeito de compensação comprometedora...), castigos assinalados ao ocntrário e falta de pulso, para punir, como se impunha, as simuladas lesões para fazer passar tempo...

No lance-chave do prélio, o sr. João Gomes, conquanto persistisse num erro flagrante (já que assinalara falta de sua pura invenção), agiu com acerto. Pena foi, somente, que tenha tido tão grave engano...

SUMÁRIO DISTRITAL

ZONA B — S. Roque, 25 pontos. Mealhada, 23. Cesarense, 20. Pampilhosa, 19. Oliveirense, 18. Pinheirense, 17. Fogueira, 16. Beira-Vouga, 15. Fermentelos, 14. Alba, 13.

JUVENIS

Resultados da 13.ª jornada

Zona A

Arouca — Lamas	1-5
S. Roque — Sanjoanense	0-5
Feirense — Cucujães	1-2
Arrifanense — Bustelo	4-0
Lusitânia — Ovarense	2-2

Zona B

Anadia — Macinhatense	3-0
Beira-Mar — Avanca	3-0
Beira-Vouga — Alba	0-7
Oliveirense — Gafanha	6-1
Estarreja — Oliv. Bairro	7-0

Classificações

ZONA A — Cucujães, 37 pontos. Arrifanense, 33. Sanjoanense e Feirense, 32. Lamas, 24. Lusitânia, 23. Bustelo, 22. Ovarense, 21. Espinho, 20. S. Roque, 18. Avanca, 16.

ZONA B — Oliveirense, 37 pontos. Anadia, 32. Alba, 31. Gafanha, 28. Recreio de Águeda, 26. Estarreja e Beira-Mar, 25. Avanca e Oliveira do Bairro, 24. Macinhatense e Beira-Vouga, 14.

Atletismo

num total de 6 000 metros (três voltas), o circuito foi o mesmo: Avenida, Ponte-Praça, ruas do Clube dos Galitos, de Belém do Pará, de Gustavo Ferreira Pinto Basto; Praça do Marquês de Pombal; ruas do Cap. Sousa Pizarro e de Miguel Bombarda; Praça do Milenário; ruas do Cinco de Outubro e do Eng.º Silvério Pereira da Silva, e, por fim, a Avenida do Dr. Lourenço Peixinho.

Competiram perto de duas centenas de concorrentes. Exactamente, 192 — 67 «populares», de quinze colectividades e um individual; 20 «senhoras», de cinco clubes; e 192 «federados», pertencentes a dezoito agremiações.

Indicamos, hoje, para além dos nomes dos vencedores individuais — Carlos Lopes (Sporting), Rosa Mota (F. C. da Foz) e David Oliveira (Furadouro) — as classificações colectivas, ficando para outro ensejo a publicação dos resultados individuais, dado que não o podemos fazer desde já.

Eis, portanto, as classificações colectivas:

FEDERADOS

1.º — Benfica, 10 pontos. 2.º — Sporting, 11. 3.º — F. C. do Porto, 42. 4.º — Santa Clara, 52. 5.º — C.D.U.L., 87. 6.º — Gafanha, 104. 7.º — Ovarense, 109. 8.º — Beira-Mar, 113.

SENHORAS

1.º — Ovarense, 9 pontos. 2.º — F. C. da Foz, 18. 3.º — Beira-Mar, 47. 4.º — Desportivo Fercol, 48.

POPULARES

1.º — Recreativo da Fisel, 13 pontos. 2.º — Unidos à Oliveirense, 21. 3.º — Unidos ao F. C. do Porto, 34. 4.º — Desportivo Fercol, 51.

Basquetebol

— pelo que, em princípio, lhe será averbada falta de comparência, somando o Vilanovense os pontos de vitória.

Classificações

SÉRIE A

	J.	V.	D.	Bolas	P.
C.D.U.P.	5	4	1	323-233	9
Naval	5	4	1	303-275	9
ILLIABUM	5	3	2	297-133	8
Guifões	5	3	2	312-282	8
Gaia	5	2	3	302-293	7
Sp. Figueirense	5	2	3	267-306	7
ESGUEIRA	5	2	3	256-338	7
Covilhã	5	0	5	224-326	5

SÉRIE B

	J.	V.	D.	Bolas	P.
Sport	5	5	0	363-210	10
Vilanovense	5	4	1	255-198	9
Leixões	4	3	1	283-236	7
Paroquial	5	2	3	260-283	7
Olivais	5	2	3	273-298	7
SANJOANENSE	5	1	4	220-332	6
Marinhense	5	1	4	229-351	6
GALITOS (a)	4	1	3	177-208	4

(a) **Tem um falta de comparência.**

Jogos para esta noite

Série A

ESGUEIRA — C.D.U.P.
GAIA — ILLIABUM
GUIFÕES — COVILHA
NAVAL — SP. FIGUEIRENSE

Série B

PAROQUIAL — VILANOVENSE
LEIXÕES — SANJOANENSE
OLIVAIS — SPORT
MARINHENSE — GALITOS

COMPANHIA AVEIRENSE DE MOAGENS S.A.R.L.

Moagem de cereais ● Descasque de arroz ● Farinhas para alimentação de gado

END. TELEG.: MOAGENS

Estrada da Barra, 7 — AVEIRO — Telefone 23441

CASIMIROS

● MÓVEIS
● ESTOFOS
● DECORAÇÕES

Cumprimentam os seus Clientes e Amigos, desejando-lhes um NATAL FELIZ e um PRÓSPERO ANO NOVO

Avenida Dr. Lourenço Peixinho, 18
AVEIRO Telefone 23207

Natal 73 ★ ★ Ano Novo

STAND SAVEL / AVEIRO

Cumprimenta os seus Ex.mos Clientes e Amigos, a todos desejando FESTAS FELIZES

CAMISARIA - MEIAS - MALHAS - ATOALHADOS

FERNANDO

Cumprimenta os seus prezados Clientes e Amigos, desejando-lhes Feliz NATAL e Próspero ANO NOVO

e aproveita para informar que ABRIRÁ AO PÚBLICO, a sua casa comercial, AMANHÃ, DOMINGO, DIA 23, mantendo a mesma ENCERRADA NO DIA 26, QUARTA-FEIRA próxima.

Rua dos Combatentes da Grande Guerra, 51 AVEIRO
Telef. 24675

ESTUDO ORIENTADO

ESTUDOS FERNÃO D'OLIVEIRA

Rua de Coimbra, 21
Telef. 23390 — AVEIRO

Precisa-se
Fiel de Armazém

— para fábrica nesta cidade. Indicar nome, idade, etc., para o n.º 80 deste jornal.

M. Bem Cónego

MÉDICO

Doenças da Boca e dentes

Cons.: R. Cons. Luís de Magalhães, 30-2.º — Telef. 24103 — AVEIRO

ALUGA-SE

— rés-do-chão, com 240 m2, para armazém ou para duas lojas (em conjunto ou separadamente), na Rua do Dr. Alberto Soares Machado, aos n.os 85 e 89.

Tratar pelo telefone n.º 23569.

VENDE-SE

Uma casa, em bom estado, com 2 habitações r/c e 1.º andar, na Rua do Loureiro n.º 37 a 41.
Tratar: Rua Luís Cipriano, n.º 15 (à Rua Comb. G. Guerra) c/ telefone 28353 — AVEIRO.

Retrosaria Nova

Artigos de:

RETROSARIA ★ DECORAÇÃO
BEBÉ E SENHORA ★ NOVIDADES

Rua dos Comb. da Grande Guerra, 31-33 — AVEIRO — Telef. 24827

Deseja a todos os seus Clientes e Amigos feliz NATAL e próspero ANO NOVO.

A Gerência do
RESTAURANTE *Galo d'Ouro*

informa todos os seus estimados Clientes de que, **muito brevemente, reabrirá ao público as suas recém-remodeladas e modernizadas instalações.**

e aproveita o ensejo para desejar a todos um feliz Natal e um próspero Ano Novo.

---

o Figurino e a Casa Lolita

Têm o prazer de informar todos seus estimados Clientes de que — para além do seu elevado stock em **Modas e Confecções** — acabam de receber uma completa e variada colecção de **Lingerie — Tico — Sara — Mirelle** e aproveitam o ensejo para desejar a todos Boas-Festas e um próspero Ano-Novo

Rua dos Combatentes da Grande Guerra, 54 ★ Rua Eça de Queirós, 19
Telefone, 24380 AVEIRO

Razões de sobrevivência e perigo de extinção do
VOLUNTARIADO PORTUGUÊS

Continuação da terceira página

sem verem satisfeitos os seus requerimentos, ou sequer bem encaminhados os seus alvitres, e, não obstante, vão desempenhando a missão sem moivos de reparo, parece nada haver que justifique uma grande urgência na resolução dos problemas que apresentam.

Claro que, entre os Bombeiros, não há quem possa ter entendimento semelhante. Eles sabem que são actuantes, mas pretendem ser mais eficientes.

Eles sabem que arriscam a vida, mas sabem que esse risco é maior por não disporem de meios materiais que permitam, se não eliminar, pelo menos diminuir o risco.

Eles sabem que apagam os fogos, mas não desconhecem que há possibilidades de exinguir incêndios com mais rapidez.

Eles sabem que salvam muitas vidas, mas têm presente que outras não são salvas por carência de material.

Eles sabem que evitam a miséria a muita gente, mas têm consciência de que poderiam atenuar ainda mais os efeitos dos sinistros.

E esta consciência, este saber que todo um somatório de sacrifício, de boa vontade, de generosidade, de altruísmo, de dedicação, todos estes sentimentos que não têm preço, não obtêm os efeios que poderiam conseguir, apenas porque as verbas escasseiam, há-de fatalmente conduzir a uma situação de frustração que, a repetir-se, com maior ou menor frequência, resultará numa generalizada descrença — não nas virtude e potencialidades do Voluntariado, mas sim na possibilidade de encontrar junto de quem de direito os meios de materializar o «tal» desejo, único e raro, de servir sempre e cada vez melhor.

A chegar-se, porém, a tão lamentável ponto, ninguém poderá assacar as culpas aos Bombeiros de Portugal que, através de tão lancinantes como pertinentes apelos, procuram alertar consciências, ainda com a esperança de que tal batalha não obtenha os quixotescos resultados da inglória arremetida contra os moinhos de vento.

Não somos, toda a gente o sabe, um País rico!

Mas não há país no mundo, por mais rico que seja, que se possa dar ao luxo de desperdiçar o que representa, indubitavelmente, a parte maior e mais importante da sua riqueza — o potencial humano. E parece-me legítimo, creio mesmo ser pertinente, deixar aqui expressa a dúvida que me assalta, e me perturba, sobre o aproveitamento que está a ter a generosa oferta de colaboração dos muitos milhares de Bombeiros Portugueses.

Milhares de homens ao serviço da comunidade sem que os seus sacrifícios e canseiras sejam recompensados com um centavo.

Milhares de homens que contribuem decisivamente para a manutenção da riqueza do País.

Milhares de homens que querem continuar a trabalhar para o «Irmão-Homem» e que apenas pretendem que os deixem ser úteis, que lhes dêem possibilidades de melhor desempenharem a missão que espontâneamente aceitaram cumprir.

A quem caberá, pois, decidir da sorte do Voluntáriado? O mesmo será dizer: Quem providenciará para que a vida e os bens dos cidadãos sejam defendidos de tantas e tão diversas formas de sinistralidade?

Os Voluntários continuarão a lutar, a sofrer, a morrer, até que possam.

Até que possam, ou até que os deixem...

Com sentido de realidade a condicionar a conclusão com que vou terminar este trabalho, chego ao fim com palavras de esperança. De esperança que não satisfaz — já que deveria ser certeza.

O Voluntariado em Portugal não morrerá!

Manter-se-á vivo a atestar uma das virtudes que mais ilustram os Portugueses!

Viverá, porque, sendo um ideal belo, assenta a sua acção em factos reais de amor ao próximo; porque, como escreveu D. Manuel de Almeida Trindade, «numa sociedade que é tentada e, tantas vezes, vencida pelo interesse e pela ambição, ser bombeiro voluntário é proclamar, perante a consciência dos homens, que existem valores mais altos».

E os homens, por muito insensíveis que sejam, não serão indiferentes ao valor espiritual do Bombeiro e à sua utilidade prática.

Por isso o Voluntariado sobreviverá, se os homens reconsiderarem a tempo.

Concedida a 'Medalha da Cidade', ao Dr. Orlando de Oliveira

Continuação da terceira página

mais firme, do Conservatório e do Instituto Comercial.

Fez-se justiça — e, porventura, no mais azado momento: também à Universidade de Aveiro — como de justiça! —, e no preciso momento das indiscutíveis realidades, fica indelevelmente ligado (agora mais ainda) o nome de um egrégio Beirão da Serra com magnífica operosidade na Beira-Ria, também terra sua, pelo coração e no (concreto) liame do grande Vouga.

Procuram renovar-se as
Conferências Vicentinas

Continuação da terceira página

ção assistencial deficiente e segregadora;

— Obra de beneméritos ilustres compadecidos da miséria alheia que é preciso manter para lhes servir de prática de caridade;

— Forma exclusiva de ganhar a salvação eterna numa atitude individualista constante;

— Maneira airosa de investigar a vida alheia e de a comentar superficialmente;

— Lugar vitalício para os que se consideram os **senhores** da caridade cristã.

2.ª PARTE: O QUE HÁ-DE PROCURAR SER A CONFERÊNCIA VICENTINA

— Grupo unido que se reconhece como um dos modos escondidos da presença de Jesus no mundo actual;

— Escola da Educação da Fé tanto dos vicentinos como dos visitados, mediante o confronto entre a situação concreta e as aspirações profundas do homem;

— Movimento de apostolado que, sentindo a tarefa grandiosa que incumbe a toda a comunidade cristã de atender aos seus irmãos mais necessitados, toma sobre os seus ombros este modo concreto de a realizar;

— Método de despertar a consciência crítica das pessoas perante a cobertura da actual assistência social e as reais necessidades dos cidadãos;

— Maneira de promover por meio da visita, do diálogo, da ajuda mútua e da reunião fraterna, o crescimento a que todo o homem está chamado, crescimento que o impele a atingir a estatura de Cristo Jesus.

Os pontos indicados, tanto na primeira parte como na segunda, ajudam-nos a ver mais claramente por onde vai a renovação das nossas conferências. Importa não ser extremista, mas convém sermos partidários dum realismo sadio e optimista. A fogueira que Ozanam acendeu era sinal do lume novo solenemente cantado na vigília pascal, sinal de Cristo-Senhor. Quem quiser ser vicentino a sério terá de viver aquele amor que animou Jesus a tentar tudo para libertar os homens dos seus males. A visita pode ser um meio privilegiado para atingir esse objectivo de libertação (ignorância, timidez, miséria...). A reunião será normalmente o método de preparação de quem realiza essas visitas libertadoras.

GEORGINO ROCHA

Aconteceu em África

Continuação da terceira página

tempo, aqueles com quem vivi horas que fugiram como fumo. Em certa altura, alguém topei ao fundo, sentado a uma mesa, cavaqueando com um grupo divertido. Há 25 anos que o não via já, mas de pronto o reconheci.

— Tu és o Banana...!

E era! Curiosa a história da alcunha. Foi em Aveiro, no 4.º ano do Liceu. O Helder Morais — assim se chama o meu velho amigo das bandas de Águeda — fracturara um braço e fora-lhe colocado um aparelho de gesso que eu e o Xavier pintámos com aguarela amarela, na aula de Trabalhos Manuais do Dr. Ferreira Neves! A partir daí, ficara ele a ser para a rapaziada o «Banana», alcunha com a qual se divertia até. É hoje Tenente-Coronel de Engenharia, sendo em 1971 o 2.º Comandante do ASMA, o modelar estabelecimento militar que dá apoio às viaturas do Exército danificadas nas missões duras que lhes são confiadas. Amanhecia já quando nos separámos. Foi um recordar interminável de tanta coisa que não volta. Eu e o «Banana» havíamo-nos esquecido da guerra nessa Noite de S. Martinho. Voltámos ambos aos tempos da nossa mocidade. Vímo-nos, moços ainda, entroncados, esbanjando saúde, a caminho das «sortes», onde a nossa sorte foi ditada: militares os dois, tantos anos depois, agora em Angola, numa missão comum. Ambos defendíamos terra lusitana.

ARAÚJO E SÁ

N. da R. Entre diversas (talvez desculpáveis) «gralhas» que *poisaram* no pretérito número deste jornal, o compositor *comeu* uma palavra e ao revisor escapou a ocasional *verbofagia* do funcionário, aliás cuidadoso e competente: e tal se deu no artigo «O Comandante João» da apreciada série «Aconteceu em África», de que o escrito que antecede é mais um. Que nos perdoe o nosso dedicado e distinto colaborador Dr. Araújo e Sá — e nos absolva da negligência a rectificação que segue: onde se leu só «Crime me parece», estava no original «Crime me parece esquecer» — e foi este verbo que faltou. Claro que, do contexto, se inferia logo a falta de qualquer palavra ou a adulteração de uma qualquer palavra. Mas, e em penitência, vai aqui o começo do período, conforme as laudas do autor: «Crime me parece esquecer a obra gigantesca que as Forças Armadas vêm realizando dia-a-dia /.../».

MINISTÉRIO DA ECONOMIA

SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA

DIRECÇÃO-GERAL DOS COMBUSTÍVEIS

EDITAL

Eu, ARTUR MESQUITA, engenheiro-chefe da Delegação da Direcção-Geral dos Combustíveis:

Faço saber que DECOCER — CERÂMICA DECORATIVA, L.DA, pretende obter licença para uma instalação de armazenagem de gases de petróleo liquefeitos, com a capacidade aproximada de 88 000 litros, sita no Lugar da Presa, freguesia e concelho de Ílhavo, distrito de Aveiro.

E como a referida instalação se acha abrangida pelas disposições do Decreto n.º 29 034, de 1 de Outubro de 1938, que regulamenta a importação, armazenagem e tratamento industrial dos petróleos brutos, seus derivados e resíduos e pelas do Decreto n.º 36 270, de 9 de Maio de 1947, que aprova o Regulamento de Segurança daquelas instalações, com os inconvenientes de perigo de incêndio, explosão e derrâmes, são por isso e em conformidade com as disposições do citado Decreto n.º 29 034, convidadas as entidades singulares ou colectivas, a apresentar, por escrito, dentro do prazo de 20 dias, contados da data da publicação deste edital, as suas reclamações contra a concessão da licença requerida e examinar o respectivo processo, nesta Delegação, situada na Rua do Dr. Alfredo de Magalhães, n.º 68-3.º D.to, no Porto.

Porto, 7 de Dezembro de 1973.

O ENGENHEIRO-CHEFE DA DELEGAÇÃO,

a) Artur Mesquita

LITORAL — Aveiro, 22/12/73 — N.º 993

EDITAL

RECENSEAMENTO ELEITORAL

Dário da Silva Ladeira, **Chefe da Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Aveiro**

Faz saber nos termos e para os efeitos do art.º 10.º da Lei n.º 2015, de 28 de Maio de 1946, que as operações do recenseamento dos eleitores da **ASSEMBLEIA NACIONAL**, para o ano de 1974, terão início no dia 2 de Janeiro próximo futuro e terminarão em 15 de Março do mesmo ano.

São eleitores e, como tal, recenseáveis, nos termos da nova lei já aprovada pela Assembleia Nacional:

1.º — Todos os cidadãos portugueses de ambos os sexos, maiores ou emancipados, que saibam ler e escrever português, e não estejam abrangidos por qualquer das incapacidades previstas na Lei n.º 2015;

2.º — Os que, sendo analfabetos, tenham já sido alguma vez recenseados ao abrigo da mesma Lei n.º 2015, desde que satisfaçam aos requisitos nela fixados.

A prova de saber ler e escrever faz-se:

a) Pela exibição de diplomas de exame público, feita perante a comissão que funcionará na sede da respectiva Junta de Freguesia;

b) Por requerimento escrito e assinado pelo próprio, com reconhecimento notarial da letra e assinatura;

c) Por requerimento escrito, lido e assinado pelo próprio perante a comissão referida na alínea a), desde que no mesmo requerimento assim seja atestado, com a autenticação por meio de selo branco ou a tinta de óleo da Junta de Freguesia;

d) Pela respectiva declaração nos mapas enviados pelas repartições ou serviços a que se refere o art. 13.º da citada Lei.

Não podem ser eleitores:

1.º — Os que não estejam no gozo dos seus direitos civis e políticos;

2.º — Os interditos por sentença com trânsito em julgado e os notoriamente reconhecidos como dementes, embora não estejam interditos por sentença;

3.º — Os falidos ou insolventes, enquanto não forem reabilitados;

4.º — Os pronunciados definitivamente e os que tiverem sido condenados criminalmente por sentença com o trânsito em julgado, enquanto não houver sido expiada a respectiva pena e ainda que gozem de liberdade condicional;

5.º — Os indigentes e, especialmente, os que estejam internados em asilos de beneficência;

6.º — Os que tenham adquirido a nacionalidade portuguesa, por naturalização ou casamento, há menos de 5 anos;

7.º — Os que professem ideias contrárias à existência de Portugal como estado independente e à disciplina social;

8.º — Os que notoriamente careçam de idoneidade moral.

Todos os cidadãos com direito a voto poderão requerer a sua inscrição no Recenseamento ao Presidente da Comissão Recenseadora, por intermédio das Comissões de Freguesia, e deverão mencionar, além do nome, o dia do nascimento, filiação, estado, profissão, habilitações literárias e morada.

Para constar se publica o presente e outros de igual teor, que vão ser afixados nos lugares do estilo.

Paços do Concelho, 17 de Dezembro de 1973.

O CHEFE DA SECRETARIA,

a) Dário da Silva Ladeira

SECRETARIA NOTARIAL DE AVEIRO

PRIMEIRO CARTÓRIO

Certifico, para publicação, que por escritura de 6 de Dezembro de 1973, de folhas 4 verso a 6 do Livro próprio N.º 5-D, deste Cartório, outorgada perante o Notário Lic. Joaquim Tavares da Silveira, foi mudada a sede da Sociedade Comercial, por Quotas, de responsabilidade limitada «Luís Costa, Limitada» da vila e concelho de Estarreja para a Avenida Dr. Lourenço Peixinho, N.º 203-A-1.º Esquerdo, desta cidade de Aveiro, e, em consequência, foi alterado o corpo do Artigo 1.º do Pacto Social, que passou a ter a seguinte redacção:

Artigo «Primeiro. A Sociedade, cujo início se deverá contar de dois de Março de mil novecentos e sessenta e quatro, durará por tempo indeterminado, adopta a firma «Luís Costa, Limitada», e tem a sua sede na Avenida Dr. Lourenço Peixinho, número duzentos e três-A, primeiro-esquerdo, nesta cidade de Aveiro — freguesia da Vera-Cruz.»

Está conforme ao original, nada havendo na parte omitida além ou em contrário ao que aqui se narra ou transcreve.

Aveiro, 13 de Dezembro de 1973.

O AJUDANTE,

a) José Fernandes Campos

LITORAL — Aveiro, 22/12/73 — N.º 993

UNIVERSIDADE DE AVEIRO

Aqui escrevemos há um ano:

...e os sinos tocaram!

«O Professor Veiga Simão, ilustre Ministro da Educação Nacional, falou ao País, na pretérita terça-feira, sobre magnos problemas do Ensino, mais particularmente sobre a preconizada estruturação e localização de novos estabelecimentos educacionais. Em certo passo do seu discurso, que os portugueses ouviram através da TV, anunciou os intuitos governamentais da «criação de uma Universidade no Centro, possivelmente na região de Aveiro»; e, mais adiante, afirmou que o Instituto Comercial da nossa cidade virá a ser reestruturado no quadro da instalação da prevista Universidade; e... os sinos municipais, no dia imediato, tocaram festivamente. /.../».

Litoral, de 23.XII.72.

2 TELEGRAMAS

Recebido na Reitoria do Liceu de Aveiro em 17.12.73:

NO PRIMEIRO DIA TRABALHO COMO REITOR ESPECIAL SAUDAÇAO NA PESSOA V. EXA. ESTUDANTES ENSINO SECUNDARIO FUTUROS COOBREIROS NOSSA UNIVERSIDADE.

VICTOR GIL

Resposta, na mesma data endereçada ao Professor Doutor Victor Gil, para o departamento de Química da Universidade de Coimbra:

MEU NOME PESSOAL E PROFESSORES E ALUNOS LICEUS AVEIRO AGRADECEMOS TELEGRAMA V. EXA. E FORMULAMOS VOTOS TRABALHO PRIMEIRO DIA REITORADO UNIVERSIDADE AVEIRO SEJA VERDADEIRA ORAÇAO PROL BOM NASCIMENTO EXECUTIVO NOVA ESCOLA.

ORLANDO OLIVEIRA

...e os sinos tocaram um ano depois!

Rigorosamente, foi no dia 15 de Dezembro-73 que os sinos municipais tocaram festivamente — eco jubiloso do júbilo de há um ano. E tocaram pelas mesmas determinantes — só que, no pretérito sábado, o toque festivo já não era apenas por uma esperança auspiciosamente acalentada durante doze meses, mas por uma realidade: a posse, conferida pelo Ministro Veiga Simão, aos iniciais elementos que hão-de concretizar a já legalizada existência da Universidade de Aveiro: o primeiro Reitor — o jovem, símbolo de uma escola jovem, Professor Vítor Gil; e os três primeiros elementos da Comissão Instaladora, Eng.ºs José Ferreira Pinto Basto, Manuel Gonzalez Queirós e Armando Teixeira Carneiro; como Delegado do Ministério das Obras Públicas, o Eng.º Adolfo da Cunha Amaral.

A meio da tarde deste memorável dia, a Praça da República, sob o vulto tutelar de José Estêvão, encheu-se de cores e da alegria dum povo que sabe ser grato: estandartes e representações de todos os concelhos distritais, bandas de música, os Bombeiros do Distrito de Aveiro com larga presença das suas 25 corporações — e tudo para sublinhar, com aplausos, a breve mas eloquente saudação do Presidente do Município aveirense, Dr. Mário Gaioso, endereçada ao Ministro da Educação Nacional, a seu lado na principal varanda dos Paços do Concelho. Depois foi um cortejo, pelas ruas engalanadas, até ao Museu de Aveiro; e, ali, na Sala de Marques Gomes, o solene acto da posse, na presença de altas individualidades do ensino português, de bispos das dioceses com jurisdição eclesiástica em território distrital e dos nascidos em terras aveirenses e de numeroso público, que se comprimia naquela sala e por várias dependências anexas. E foi também ali a entrega da «Medalha de Ouro da Cidade» ao Professor Veiga Simão, depois de pertinentes considerações do Presidente da Câmara sobre os ponderosos motivos da cidadania assim conferida.

À noite, no Pavilhão Gimnodesportivo, foi servido um jantar de homenagem ao ilustre Ministro. Os convivas — para cima de um milhar — aplaudiram as palavras ditas pelo Dr. Fernando de Oliveira (Deputado à Assembleia Nacional e Presidente da Comissão Distrital da ANP), pelo Dr. Orlando de Oliveira (Reitor do Liceu Nacional de Aveiro), por D. Manuel de Almeida Trindade (Bispo da Diocese), pela aluna do 7.º ano do Liceu Ana Maria Brandão Pereira, pelo Chefe do Distrito Dr. Vale Guimarães e pelo Professor Doutor Veiga Simão que, num improviso, a um tempo entusiástico e conceituoso, definiu, com inexcedível clareza, os princípios orientadores da grande reforma do ensino em Portugal e as razões da eleição de Aveiro para centro universitário. Estas suas palavras foram mais do que reiteração do que lera de tarde: foram oportuníssimo complemento.

Aqui deixamos registados — para a história de Aveiro — os discursos lidos no Museu pelo Ministro Veiga Simão e pelo primeiro Reitor da Universidade de Aveiro, Professor Doutor Vítor Gil.

PALAVRAS *do* REITOR

Entendeu V. Ex.ª, Sr. Ministro, chamar-me a servir, de forma mais ampla e responsabilizada, na cruzada renovadora da Educação Nacional, nomeadamente como principal responsável na nova Universidade de Aveiro. Agradeci a confiança que o Sr. Ministro generosamente mostrava depositar em mim, reconheci que muito dificilmente se permite recusar colaboração ao Ministro, cuja inteligência e espírito empreendedor, renovador e de sacrifício o país já tanto deve... mas não podia dispensar-me de analisar, tão imparcial e criticamente quanto pudesse, as minhas possibilidades de êxito em tarefa tão espinhosa. Julgo que conheço bem as minhas imperfeições sei que tropeçarei frequentes vezes, mas, confesso, não resisti face à «porta da inovação» que o Governo, notavelmente pelo Senhor Presidente do Conselho e pelo seu Ministro da Educação, agora nos abre escancarada.

Procurando suprir com entusiasmo disciplinado e com trabalho metódico as faltas de inteligência e de experiência; reconhecendo que neste, como em tantos outros capítulos, só o trabalho de grupo pode realizar, seguramente e sem delongas, algo de válido; certo do talento criador, poder de iniciativa e espírito de dedicação dos membros da Comissão Instaladora; confiante no estímulo, inspiração e ajuda do Professor Veiga Simão e dos departamentos centrais do seu Ministério, especialmente as Direcções Gerais do Ensino Superior e das Construções Escolares, o Instituto de Alta Cultura e o Gabinete de Estudos e Planeamento; contando com o auxílio de outros Ministérios, em particular, o das Obras Públicas; apostando na compreensão colaboração e auxílio das actuais universidades mormente as geograficamente mais próximas (Coimbra e Porto); contando com o indispensável apoio das autoridades da região e dos responsáveis principais pelo seu progresso integral; esperando, enfim, na actuação crítica imparcial e objectiva de todos, privada ou publicamente nos órgãos de informação... Aceito, com a Comissão Instaladora, o desafio de ajudar a construir uma nova Universidade. O auxílio que pedimos, esperamos que no-lo concedam, para já, mais ou menos gratuitamente. Tudo faremos para o justificar sem demora.

Continua na página 4

PALAVRAS *do* MINISTRO

A Lei do Sistema Educativo, promulgada em 25 de Julho de 1973, consagrou uma nova política educacional que vem abrindo rasgados e promissores caminhos ao portugueses.

E julgo que vale sempre a pena repetir alguns dos seus princípios fundamentais.

A educação nacional visa a formação integral dos Portugueses e prepara-os para o cumprimento dos seus deveres morais e cívicos e para a realização das finalidades da vida; a educação nacional envolve não apenas a escola, mas a família, outras sociedades primárias e grupos sociais e profissionais.

A educação é direito de todos e de cada um mediante o acesso aos vários graus de ensino e aos bens da cultura; e é dever do Estado ao proporcionar uma cultura básica generalizada, correspondente a oito anos de escolaridade gratuita, aos quais se deve suceder obrigatoriamente um ano de preparação profissional para os que abandonem nessa altura o sistema educativo. A educação é ainda dever do Estado ao servir de garantia da liberdade de aprender, de ensinar, de criar escolas ao dar franco apoio às iniciativas privadas e ao ser responsável pela criação e aperfeiçoamento das estruturas humanas e materiais de natureza escolar e cultural necessárias ao homem e ao desenvolvimento social e económico.

São princípios que apontam para caminhos irreversíveis, afirmo-o mais uma vez clara e decididamente —que já provocaram e irão determinar mais modificações de vulto na sociedade portuguesa e as quais convergem para esquemas de participação e intervenção cada vez mais esclarecidas dos cidadãos na vida política, social, cultural e económica, para a formação de «élites» do mérito, descobrindo e congregando nos comandos locais, regionais ou nacionais, da vida pública e privada, os melhores valores gerados nos diversos estratos sociais e que se afirmem pelo seu carácter, inteligência e capacidade, em autêntica expressão da igualdade de oportunidades.

Só assim é posível preparar um povo para uma vida de trabalho criador e produtivo que fertiliza a terra, acciona a fábrica e vitaliza os serviços. E só assim também se tornará possível realizar os grandes ideais de justiça social, através da criação de maior riqueza e da sua mais equitativa repartição.

A educação e a cultura devem acompanhar o homem da infância à morte.

A educação pré-escolar, a educação escolar com as suas modalidades de ensino básico, secundário, superior, a formação profissional e a educação permanente integram-se harmoniosamente no sistema educativo português, com a finalidade de fortalecer a personalidade e a consciência cívica e social, de promover o revigoramento físico, de fazer florescer virtude orientadas pelas doutrinas cristãs, de fomentar o espírito científico, crítico e criador, de despertar o interesse por uma constante actualização e valorização dos conhecimentos e de estimular o amor da Pátria e de todos os seus valores.

Arrancámos já, de forma decidida, para a estruturação deste novo sistema educativo. Abriram-se as primeiras escolas oficiais de educadoras, ao mesmo tempo que se ensaiam novas metodologias em jardins de infância-piloto.

O ensino preparatório continua o seu progresso espectacular, espalhando-se por todos os concelhos, em regime de gratuitidade, mercê da sucessiva criação de escolas oficiais de ensino directo ou televisivo, e de contratos com escolas particulares.

A cobertura distrital em escolas secundárias, dotadas de cursos gerais ou complementares de ensino humanístico, científico e tecnológico estará completo dentro de três anos.

Especial atenção nos vêm mere-

Continua na página 4